

tureza que alcançada faculdade dos Superiores estava prompto para se graduar Doutor em a Universidade de Coimbra, cujo intento se frustrou por motivos particulares. Sendo Prégador Geral, e Examinador das Tres Ordens Militares applicou todo o estudo para a Historia Ecclesiastica, principalmente da sua augusta Religião, de que foy eleito Chronista, escrevendo com igual verdade, que indagação.

Vida do glorioso S. Bento Pay de todos os Monges, Mestre, e Legislador da Cenobitica vida Monastica, e Principe de todos os Patriarchas. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1737. 8.

Antilogia Catacritica, e Apocatastasis da verdade Benediçtina. Madrid por Alfonso Baluas 1738. fol. He hum Defensorio contra Fr. Joaõ Bautista de Castro, e Fr. Jacinto de S. Miguel Frades Jeronymos empenhados a sustentar o seu Monachato.

Epitome da Vida do glorioso Santo Amaro Monge Benediçtino. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1748. 8.

Bibliotheca Benediçtina Lusitana. Principiada no anno de 1732. 4. M. S.

Arvore Genealogica dos Duques de Borgonha, desde o seu tronco até D. Joaõ V. de Portugal, e Philippe V. de Castella, e Carlos VI. Emperador de Alemanha.

Arvore Genealogica dos Duques de Flandes, desde seu Chefe até o Emperador Carlos VI. D. Joaõ V. de Portugal, e Philippe V. de Castella.

Catalogo Chronologico dos Duques de Veneza, desde o primeiro que elegeo aquella Republica até o Duque Reinante.

Milagres que S. Bento fez por algumas Imagens suas veneradas em Portugal. Esta obra foy feita á instancia de Fr. Diogo Mocolaeta Monge Benediçtino de Castella para escrever em hum livro, que compoz que tem por titulo *Vida, y milagros del glorioso Patriarcha de los Monges S. Benito.* Madrid por Jozé Gonçalves 1733. 4.

MARCELINO LEITAM DE MACEDO, filho de Pedro Leitaõ, e Maria de Macedo ambos de nobre geração, e natural da Villa de Aljubarrota. Abraçou o instituto de Jesuita, quando contava 15 annos a 6 de Abril de 1621, donde sahindo

egregiamente instruido nas letras humanas naõ deixou de cultivar as Musas que sempre experimentou propicias ao seu enthusiasmo compondo o Poema Heroico, que consta de 8 livros com o titulo seguinte.

Occultus Lusitaniæ Rex Joannes, sive Lusitania Restaurata sub Rege Joanne IV.

4. M. S. Dedicado ao Principe D. Theodosio, e se conserva na *Bib. Real.* Principia

Alphonsi Imperium tot deplorata per annos

Funera Lusitadum, & que damna miserrima quondam

Sustulit, &c.

Acaba

Lusitadum Pater esto Pater, rem que aspice Lusam.

He excellente assim na metrificaçã, como na ordem do Poema.

MARCELINO DA SYLVA PIMENTEL, naceo na Villa de Coruche do Arcebispado de Evora recebendo a primeira graça na Igreja Matriz de S. Joaõ Bautista a 2 de Julho de 1715, sendo filho de Luiz da Sylva, e Maria da Costa. Antes de ser Presbytero estudou Filosofia, e Theologia Escolastica, e depois se applicou á Polemica, como tambem a lição da Sagrada Escritura. Pelo espaço de dez annos abriu escola publica da lingua Latina, de cujo magisterio sahiraõ muitos discipulos que tem ennobrecido diversas familias religiosas. Compoz

Relaçã do notavel incendio, e lastimoso estrago que houve no Real Convento de S. Francisco em quinta feira 30 de Novembro de 1741. Lisboa na Officina Alvarense 1741. 4.

Alphabeto Proverbial. M. S.

Exposiçã Moral, e Allegorica do Venerando sacrificio da Missa. M. S.

MARCOS CERVEIRA DE AGUILAR, Capitaõ da Ordenança da Villa de Setubal. Compoz

Dialogos das Armadas, e Naos de guerra destes Reinos de Portugal. Dirigido ao Conde D. Diogo da Sylva Governador dos Reinos, e Senhorios de Portugal. Saõ Interlectores Capitaõ, Condestavel, Mestre, e Alferes. 4. M. S. Começa *Depois que soube sua merce me fez merce nomearme por seu*

seu Capitão. Consta de 180 paginas. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez do Loureiral. No fim tem os nomes dos aparelhos, e mais instrumentos da embarcação.

MARCOS CORREA LEITAM DE BRITO, natural da Villa de Santarem, onde teve por Pays Valentim Correa Leitão, e Catherina de Mattos. Foy Freire Conventual em o Convento de S. Bento de Aviz, cuja militar Ordem professou a 22 de Julho de 1651, sendo D. Prior mór Fr. Bento Pereira de Mello. Entre outros empregos que teve foy Sancristão mór do dito Convento. Como era dotado de grande capacidade, e profundamente versado em hum, e outro Direito passou á Curia Romana com o lugar de Procurador da sua Ordem para requerer na causa dos Benefícios da Igreja de Coruche. Falleceó em idade de 70 annos. Teve particular genio para a Poezia comica, compondo muitas Loas, e Comedias das quaes mereceo mayor aplauso.

Comedia de S. Basilio. Nella era lacayo hum Negro, que fallava com toda a propriedade a sua lingua.

Historia de N. S. do Monferrate. M. S.

D. MARCOS DA CRUZ, natural do lugar de Matozinhos suburbio da Cidade do Porto. Recebeo o habito de Conego Regrante de Santo Agostinho no Convento de S. Salvador de Moreira a 3 de Novembro de 1590, onde depois de estudar as sciencias severas se applicou a examinar as Antiguidades, e privilegios da sua Canonica Congregaçãõ, de cujo estudo colheo copioso fruto escrevendo com summa indagaçãõ.

Catalogo dos Priores do Mosteiro de S. Vicente. Parte 1. Dedicado ao M. R. P. D. Miguel de S. Agostinho Prior do mesmo Convento em o anno de 1626. Começa. *Havendo de tratar da primeira Fundaçãõ do insigne Mosteiro de S. Vicente Camara dos Reis de Portugal, &c.*

Parte 2. Principia pela Reforma feita em tempo del Rey D. Joaõ III. Estes dous volumes escritos em papel de marca grande se conservaõ no Cartorio do Convento de S. Vicente de Fóra, onde os vimos a 26 de Setembro de 1740.

Memorias da Congregaçãõ de S. Cruz de Coimbra. M. S. Saõ allegadas por Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 761. col. 1. no Comment. de 29 de Abril. letr. D.

Falleceo a vinte e oito de Setembro de 1628. Delle se lembraõ Cardoso no lugar affirma citado, e no Tom. 3. p. 158. col. 2. onde lhe chama *Antiquario famoso.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 6. cap. 3. n. 7. e liv. 12. cap. 17. n. 13. Fr. Anton. da Purif. *Chron. de Santo Agostinho da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. Tit. 7. §. 4. p. 368. col. 2. e Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 68. col. 1.

Fr. MARCOS DIAS, natural da Cidade de Elvas da Provincia Transtagana, donde na idade juvenil passou a Roma, e abraçando o penitente instituto do Serafico Patriarcha fez admiraveis progressos nas Sciencias escolasticas. Pela sua grave prudencia, e natural affabilidade exercitou as Guardianias dos Conventos de Subiaco, Roccia antica, Scandriglia, Morlugo, e Montopoli, e ultimamente foy Definidor da Provincia Romana. Falleceo no Convento de S. Francisco in Ripa situado na Cidade de Roma a 24 de Dezembro de 1647. Como era muito perito nos Computos Ecclesiasticos, compoz

Ordo perpetuus Officii Divini recitandi ad usum, & commoditatem Fratrum, & Monialium Seraphici Ordinis S. Francisci juxta Rubricas Breviarii Romani, Clementis VIII. & Urbani VIII. recogniti, plane, plene que dispositus, & accommodatus. Divisus in 35 Tabulas juxta numerum septem Litterarum Dominicalium, quibus totidem litteræ Martirologii respondent: quælibet vero Tabula, Festa mobilia in singulis annis celebranda præcipue demonstrat prout in principio cujuslibet anni infra patebit. Romæ por Jacobum Facciotum 1638. 8.

Ordo perpetuus pro tota Ecclesia, &c. Estava prompto para a Impressãõ. Fazem della memoria Wadingo *Script. Ord. Min.* pag. 248. Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 68. col. 1. e Fr. Joaõ a D. Anton. *Bib. Franc.* Tom. 2. pag. 318. col. 1.

MARCOS FERNANDES DE MONSANTO. Cavalleiro professo da Ordem Militar de Christo, Fidalgo da Casa Real, o qual por causa de suas dependencias affi-tio a mayor parte da sua vida em a Cidade de Sevilha. Foy ornado de genio liberal, e animo pio para o culto de Deos, como de sua Mãy Santissima, escrevendo

Del Santissimo Nombre de MARIA. Sevilha 1643. 4.

Destá obra, como de seu Autor faz memoria Fr. Pedro de Alva y Astorga. *Milit. Concept.*

P. MARCOS JORGE, natural do lugar de Nogueira do Bispado de Coimbra, e naõ Conimbricense, como se escreve na *Bib. Societ.* p. 586. col. 1. Foraõ seus Pays Jorge Peres, e Barbara Pires. Estudou na Universidade de Coimbra Jurisprudencia Canonica em que alcançou aplauso o seu talento, porém defenganado da caduca gloria do mundo se alistou na Companhia de Jesus em o Noviciado de Coimbra a 16 de Mayo de 1548, onde aprendidas as Sciencias escolasticas recebeu em a Universidade de Evora o grao de Doutor em Theologia, cuja Faculdade dictou aos seus domesticos. Foy o primeiro Lente de Theologia Moral, que teve o Collegio de Lisboa concorrendo grande numero de Sacerdotes dezejosos de se habilitarem para Confessores, a ouvir a sua doutrina. Em 17 de Janeiro de 1571, foy eleito Procurador a Roma sendo Geral S. Francisco de Borja, donde voltando falleceo piamente no Collegio de Evora a 10 de Dezembro de 1571, e naõ a 29 de Fevereiro de 1608, como escreve o P. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. p. 572. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 125. de que se retratou nos *Annal. S. J. in Lusit.* p. 92. n. 1. Jaz sepultado na Igreja Velha, que hoje serve de Sala dos Autos da Universidade. Teve particular genio para instruir ao meninos no Cathecisco concorrendo innumeravel povo a ouvilho pelas ruas, e para se fazerem perceptíveis á gente rustica os Mysterios que deviaõ crer escreveo, e publicou sendo o primeiro livro que sahio da Companhia impresso em Portugal

Doutrina Christã. Lisboa por Francisco

Correa. 1561. 16. Braga por Antonio de Mariz 1566. 16. Lisboa 1609. 16. Sahio com estampas. Augusta por Christovaõ Mãgio 1616. 8. Destá edicãõ confervo hum exemplar que he muito raro. Foy traduzida na lingoa Malabarica pelo Padre Henrique Henriques, e impressa Cochim 1559. e na lingoa de Congo pelo Padre Matheus Cardoso. Lisboa por Giraldo da Vinha 1624. 8.

Cartã escrita a S. Ignacio no anno de 1554, em que lhe relata os progressos do Collegio de Evora. Parte della transcreveo o Padre Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 17. n. 2.

De Horis Canonicis.

De Victigalibus.

De Pignore.

Todas estas obras se conservaõ no Collegio de Evora, onde foraõ dictadas.

Varios elogios dedicaraõ á sua memoria Ribadaneira *Cathal. Script. S. J. Telles Chron. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 16. n. 8. Franco *Annal. S. J. in Lusit.* p. 92. n. 1. e na *Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 4. cap. 34. n. 14. *Bib. Societ.* p. 580. col. 1. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. M. n. 2. Draudius *Bib. Classica.* e *Fonseca Evor. Glor.* p. 436.

D. Fr. MARCOS DE LISBOA, ou de BETHANIA, como o intitula o doutissimo Gaspar Barreiros na Dedicatoria escrita em Evora a 8 de Abril de 1557 que lhe fez das *Censuras de Porcio Cataõ, Beroso Caldeo, Manethon Egypcio, e Q. Fabio Piõtor Romano.* Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pay a Salvador Luiz da Sylva, que vendo lhe negava a fortuna os bens com que alimentasse seus filhos, que liberal lhe concedera a natureza, se embarcou para a India com intento de lucrar cabedal para sua sustentacãõ; porém experimentou a ultima infelicidade morrendo naufragante cõ quatro navios na passagem, que fazia para a China. Chegando este tragico successo á noticia de sua mulher, que virtuosamente educava seus filhos persuadio ao mais velho, qual era Marcos recebesse o habito de S. Francisco, ao qual foy admittido no Convento de Santa Cristina da Provincia de Portugal, onde logo deu a conhecer capacidade de talento para todo o genero de estudos.

dos. Feita a profissão solemne sendo muito perito na lingua Latina se fez igualmente douto na Grega, e Hebraica, donde passou a cultivar as Sciencias severas no Collegio de S. Boaventura de Coimbra, em que fahio eminente. Dezejoso de instruir aos proximos preferio á Cadeira o pulpito dirigindo muitas almas ao caminho da perfeição Evangelica. Eleito Chronista Geral da Ordem Seráfica, para desempenhar taõ laboriosa incumbencia discorreo, como rigido cultor do instituto Franciscano a pé por Hespanha, França, e Italia, de cuja larga peregrinação adquirio hum grande thesouro de noticias pertencentes ao argumento da Historia, que meditava de que se seguio escrever as Chronicas da sua Ordem com estylo sincero, e verdade tumma merecendo que fossem traduzidas nas linguas mais polidas da Europa. Tendo exercitado algumas Prelacias com prudencia, e affabilidade ambicioso o seu espirito de vida mais mortificada passou para a Provincia reformada de Santo Antonio, que de Custodia erecta em o anno de 1565, foy confirmada Provincia em o de 1568, onde foy o segundo Provincial, excedendo a todos os subditos na modestia do semblante, abstinencia do comer, assistencia do Coro, observancia do silencio, e mortificação dos sentidos. Estas heroicas virtudes moverão a ElRey D. Sebastião quando o acompanhou na primeira expedição de Africa, executada no anno de 1574 para o nomear Bispo de Miranda por renuncia de D. Antonio Pinheiro, e como esta nomeação se não executasse, foy eleito por Philippe I. em o anno de 1581 Bispo do Porto, sendo sagrado no Convento de S. Francisco da Cidade em 21 de Janeiro de 1582, pelo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide, e Assistentes D. Fr. Amador Arraes Bispo de Portalegre, e D. Antonio Telles de Menezes Bispo de Lamego. Fez a publica entrada na sua Diecese a 8 de Abril de 1582, que cahio na Dominga de Palmas, sendo recebido do seu rebanho com as mesmas vozes, com que foy aplaudido o Redemptor do mundo na occasião em que entrou triunfante em Jerusalefm. Praticou em beneficio das suas ovelhas todas as acçoens de zeloso Pastor, e dotou a sua Esposa com generosos donativos mandando conduzir de Flandes huma preciosa arma-

ção para cobertura das paredes, e juntamente livros de grande caracter para serviço do Coro. Edificou a Quinta do Prado para innocente recreação de seus successores; a Capella a Nossa Senhora da Saude para deposito das suas cinzas situada na Claustra da Sé, e junto della a Casa do Cabido. Para mais prompta administração dos Sacramentos dividio a unica Parochia da Sé em quatro. Convocou Synodo Diecesano a 3 de Fevereiro de 1585, e reformou conforme os Decretos do Concilio Tridentino as Constituições do Bispado, que tinha feito seu antecessor D. Fr. Balthezar Limpo. A pobreza observada no estado religioso conservou no episcopal com mayor excessõ permittindo que o vestido fosse roto, e a meza parca. Na ultima idade tolerou com paciencia heroica diversos achaques até que chegado o tempo de serem premiados seus merecimentos passou de mortal a eterno a 3 de Setembro de 1591, quando contava 80 annos de idade, e 10 de Bispo. Foy sepultado na Capella de N. Senhora da Saude situada na Claustra da Cathedral. Fazem do seu nome merecida memoria celebres Escriitores, distinguindo-se entre elles o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha *Cathal. dos Bisp. do Port. Part. 2. cap. 39. o seu Paço era hum Convento de religiosos, o tratamento da sua Pessoa o do mais pobre Frade da sua Religião; só para os pobres era, e folgava de ser rico gastando com elles as rendas da sua Igreja; em que tambem fez algumas obras, que pudesem mudas conservar sua memoria assim como a conservaõ fallando seus escritos.* Nicol. Anton. *Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 69. col. 1. & 2. religiosæ paupertatis, & parsimonie antiquum, atque illibatum undequaque tenorem servans.* & Tom. 1. pag. 398. col. 1. *Chronographo famigeratissimo.* Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lust. Litter. lett. M. n. 1. Vir pius, diligens, & eloquens.* D. Francisco Manoel Cart. 1. da Cent. 4. *o Religioso, e muito eloquente Fr. Marcos de Lisboa, Bispo Portuense.* Miranda *Manual. Prælat. Tom. 1. quæst. 4. art. 4. gravissimus, ac religiosissimos Pater noster religionis decus, & ornamentum.* Fr. Joan. 2. D. Anton. *Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 320. col. 2. Celeberrimus Historicus.* Wadingo *Annual. Ord. Min. Tom. 5. ad an. 1408. e Tom. 8. ad*

8. ad an. 1588. e nos *Script. Ord.* pag. 248. *Artur Martyr. Franc.* p. 443. *eruditione, pietate, & vitæ Sanctitate spectabilis.* Gonzaga de *Orig. Seraph. Relig.* Part. 3. pag. mihi 1160. *qui incredibili studio animarum flagrans celebres ad populum habuit conciones.* Willot *Athen. Franc.* lit. M. Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraph. da Prov. de Portug.* Tom. 5. liv. 2. cap. 16. n. 368. *insigne Prelado, e veneravel Religioso.* Manoel de Faria, e Sousa *Fuent. de Aganip.* Part. 2. Poem. 8. Estanc. 40.

El cayado empuño deste rebaño.

Un candido Varon, que professava

Del Serafim terreno el tosco paño

Del Escritor Sagrado el nombre usava,

De cuyo lado el animal fue digno

Que de fieras es Rey, de Apollo Signo:

Na livraria do Convento Serafico de N. S. de Salceda, está o seu Retrato com esta inscripção.

Mas parece de Francisco

Su Marcos Evangelista

Que su Marcos Coronista.

Compoz

Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Serafico P.S. Francisco seu instituidor, e primeiro Ministro geral, que se pôde chamar Vitas Patrum dos Menores, copilada, e tomada dos antigos livros, e memorias da Ordem. Lisboa, por Antonio Ribeiro. 1556. fol. Dedicada a El Rey D. João. III.

Segunda Parte das Chronicas, &c. Lisboa por João Blavio 1662. fol. Dedicada á Rainha D. Catherina.

Terceira Parte de las Chronicas de S. Francisco, &c. Salamanca, por Alexandre de Canova 1570. fol. Dedicada á Infanta D. Maria. Estes tres volumes sahiraõ novamente impressos, e emendados por Fr. Luiz dos Anjos da Provincia dos Algarves Qualificador do Santo Officio. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1615. fol. 3. Tom. Sahio a 1. Parte traduzida em lingua Castellhana, por Fr. Diogo Navarro Franciscano. Alcala, por Athanasio Salcedo. 1559. fol. A 2. Parte em a mesma lingua, por Fr. Philippe de Sousa Franciscano. Alcala, por André de Angulo 1566. fol. & ibi pelo mesmo Impressor 1577. fol. Ambas estas partes traduzio na lingua Castellhana Fr. Joanetino Niño Religioso Menor. Salamanca por Antonio Tom. III.

tonio Ramires 1626. fol. Dedicadas a Serenissima Margarida de Austria, aliás da Cruz Religiosa no Convento das Descaltas de Madrid da qual era Confessor. Foraõ vertidas em Francez, por Fr. João Blancona Franciscano. Pariz, por Roberto Fover. 1601. 1625, e em Italiano por Fr. Horacio Diola Bolonhes. Parma, por Erasmo Vioti 1566. 4. 2. Tom. e Brixia 1582. 4. e Veneza, por Antonio Ferrari 1582. 4. & ibi por Giliotti 1582. 4. & ibi apresso la minima Compagnia 1593. 2. Tom. & ibi por Pedro Ricciardi 1600. 4. Roma por Barezzi Barezzi 1551. 4.

Livro insigne das perfeiçoens das vidas dos gloriosos Santos do velho, e novo Testamento ordenado para as illustrissimas virtudes Christãs; para mostra da gloria de Nosso Senhor, e seus Santos, e para grande consolação, e doutrina de todos os Christãos: por Marcos Marulo Spalatense de Dalmacia: novamente traduzido em lingoagem por Fr. Marcos de Lisboa frade Menor, por o grande fruto, que fará em todas as almas, que o lerem. Offerecido ao P. Hieronimo Cipico, em o divino, e humano direito doctissimo, Conego, e Arcediago da Igreja Metropolitana Palatense. Lisboa, por Francisco Correa. 1579. fol.

Exercicios, e muito devota meditação da Vida, e Paixão de N. S. Jesu Christo. A este Tratado, que he tradução de João Thaulero acrecentou estes tres Tratados de S. Boaventura. *Da Arvore da Vida, em que se contém os Mysterios da Vida de Christo. Forma breve para ensino dos Noviços na Religião. Abecedario espiritual.* Dedicados à Madre Sor. Ignez do Espirito Santo Abadesa do Convento da Esperança de Lisboa, da Ordem de Santa Clara. Lisboa por João Blavio 1562. 8. Foraõ examinados por D. Jeronymo Osorio Bispo do Algarve.

Constituiçoens Synodales do Bispado do Porto. Coimbra, por Antonio de Mariz. 1585. fol. e Porto, por Giraldo Mendes. 1590. fol.

Vida da V. Sor. Collecta de Borgonha, traduzida em Portuguez. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Duque de Lafoens, que foy do Emmimentissimo Cardeal de Sousa. Desta obra dá noticia o Licenciado Jorge Cardoso Autor do Agiologio Lusitano, em hum Carta escripta a Fr.

Francisco Haroldo Franciscano assistente em Roma, como afirma Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. p. 69. col. 2.

D. MARCOS DE S. LOURENÇO, Conego Regular da illustre Congregação de Santa Cruz de Coimbra igualmente perito nas antiguidades historicas, como nos preceitos da Arte Poetica. Compoz

Commento sobre os 10 Cantos das Lusíadas de Camoens. Tinha completos 5 Cantos para a Impressão, como escreveu a 25 de Setembro de 1637 ao celebre Antiquario Jorge Cardoso.

Tratado historico em que trata se em tempo de Nabuco viviaõ Judeos em Hespanha. M. S.

Falleceo no Convento de Landim, onde sempre habitou a 12 de Fevereiro de 1645.

Fr. MARCOS DE MOURA, natural de Villa-Franca de Xira do Patriarchado de Lisboa, onde teve por Pais a Affonso Annes, e Maria de Moura. Professou o sagrado Instituto da illustre Ordem da Santissima Trindade no Convento de Lisboa a 14 de Junho de 1572, onde depois de dar Filosofia aos seus domesticos, exercitou os lugares de Ministro dos Conventos de Santarem, e Cintra, Definidor, e Visitador Geral da Provincia, e seu Chronista. Foy Comissario da Bulla da Cruzada, quando o Para Gregorio XIII. a concedeo para resgate dos Cativos, que perderão a liberdade na Batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1573. Tolerou com heroica constancia diversas adversidades movidas pela malevolencia de seus emulos. Falleceo no Convento de Lisboa no anno de 1611. Delle se lembraõ Fr. Bernardino de S. Antonio *Epitom. Redempt.* liv. 7. cap. ult. n. 18. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 69. col. 1. e Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. no Coment. de 15 de Jan. letr. D. Compoz

Historia dos Instituidores, e Instituição da Ordem da Santissima Trindade, e das excellencias, e grandezas della. 2. Tom. 4. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Duque de Lafoens, que foy do Emminentissimo Cardeal de Sousa. O 1. Tomo foy escrito em Cintra no anno de 1595.

Chronica da Provincia de Portugal dividida em 3. Partes. Escrita no anno de 1605.

M. S. Conserva-se a 3. e 4. Parte desta Historia no Convento de Lisboa.

Tratado da Genealogia de Christo nosso Senhor, e da Virgem MARIA sua Mãe, e dos nomes proprios, por onde comumente os chamamos. Escrito em 1600. fol. M. S. Conserva-se na Livraria dos M. S. do Convento de S. Domingo de Lisboa.

Dialogos Theologicos. M. S.

Trabalhos de Fr. Marcos de Moura. 4. M. S.

MARCOS RODRIGUES TINOCO, Secretario do Conselho Ultramarino muito sciente na lingua Italiana, da qual traduzio na materna

Relação authentica das penas, que padecem os Soldados, que deu a bofetada, e açoitaraõ a Christo Senhor nosso. Foy escrita em Italiano por João Francisco Alcaratti, Conego da Cathedral de Navarra a qual foy impressa em Brescia, Bolonha, e Veneza. Conserva-se M. S. no Collegio de Evora dos Padres Jesuitas.

Fr. MARCOS SOARES, natural de Lisboa, e filho de Luiz Correa Cottaõ, e Lourença Soares. Professou o instituto do Doutor Maximo S. Jeronymo no Convento de S. Marcos, junto da Villa de Guimaraens a 18 de Outubro de 1637. Foy grande Filosofo, e Theologo, e insigne Prégador do seu tempo. Jubilado nas sciencias escolasticas se retirou ao Convento em que nacera para a Religiaõ, onde passados alguns annos renaceo para a eternidade a 6 de Novembro de 1685. Deixou compostas muitas obras, das quaes unicamente se conserva

Explanaçoens a diversos lugares da Sagrada Escriitura. fol. M. S.

MARCOS SOARES PEREIRA, natural da Villa de Caminha situada na Provincia de Entre Douro, e Minho sendo filho de João Soares Pereira, e D. Domingas Lourenço Rebello, filha de Gonçallo Rebello da Rocha, e D. Marianna do Valle, e irmão do famoso João Soares Rebello, de que se fez larga memoria em seu lugar, a quem imitou na sciencia especulativa, e pratica da Arte Musica, em que foy eminentemente exercitando, quando já era Presbytero

tero o lugar de Mestre da Capella Ducal de Villa-Viçosa, e depois da Capella Real do Serenissimo Rey D. João IV. Falleceo em Lisboa a 7 de Janeiro de 1655. As obras mais celebres que compoz são as seguintes, que se conservaõ na Bibliotheca Real da Musica, como consta do seu Index impresso em Lisboa, por Pedro Crasbeeck 1649.

4. grande.

Missa a 12. vozes.

Psalmos de Vesperas. 2. a 8. vozes hum a 11 e 5. a 12 vozes.

Psalmos de Completas. 2. a 8. vozes

Psalmo terceiro da sexta a 8. vozes.

Motetes, hum a 4. vozes. 2. a 5 e 2. a 12.

Responsorio 2. da Festa da Conceição. a

8.

Invitatorio do Officio de Defuntos a 4. e

8.

Lições do Officio de Defuntos, a 8. e a

16.

Te Deum Laudamus, a 12.

Calenda de S. Clara, a 8.

Calenda de S. Francisco, 8.

Calenda do Bautista, a 8.

La bella Madrina. Tono, que traz D. Manoel de Mello *Obras Metric. Avena de Tercicore.* Ton. 21.

D. MARCOS TEIXEIRA DE MENDOÇA, natural da Cidade de Lamego, e filho de Damiaõ Botelho, e Joanna Teixeira. Estudou Jurisprudencia Canonica em a Universidade de Coimbra, em que fez taes progressos o seu perspicaz talento, que sendo admitido por Collegial do Collegio de S. Pedro a 22 de Junho de 1604 subio à Cadeira de Clementinas a 9 de Janeiro de 1610, onde manifestou a sua grande litteratura. Foy Conego Doutoral da Cathedral de Evora provido a 14 de Março de 1611, e Inquisidor na mesma Cidade, de que tomou posse a 11 de Setembro de 1617. Nomeado Bispo do Brasil, chegou á Bahia de todos os Santos em o anno de 1621, onde sem depor o bago empunhou a espada contra os Olandezes animando com o exemplo as tuas ovelhas derrotar aquelles perfidos inimigos; porém como estranhasse o rigor da campanha, em que não fora criado enfermou taõ gravemente, que nella piamente falleceo a 16 de Agosto de 1624. Jaz sepultado na Capella de N. Senhora da Conceição de Tom. III.

Tapagipe lugar distante da Cidade da Bahia meya legoa. Delle fazem honorifica memoria Manoel de Faria e Souza *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 2. cap. 3. §. 6. Fr. Gio Giusep. de S. Terel. *Histor. del Brasile.* Part. 1. liv. 2. Rocha *Americ. Portug.* liv. 4. §. 36. Brito Freire *Nov. Lusit.* liv. 2. n. 120. 159. 165. e 167. Souza *Cathal. dos Bisp. da Bahia.* §. 5. Sylva *Cathal. dos Colleg. de S. Pedro.* §. 41. Monteiro *Cathal. dos Inquis. de Evor.* §. 27. Dictou no tempo, que foy Mestre na Universidade de Coimbra.

Ad Tit. de Consanguinitate, & Affinitate, in Clementinis.

Ad Tit. Cod. de capiendis, & distribuendis pignoribus tributorum causã.

Ad Tit. de Fundis, & saltibus rei dominicæ lib. 11. Cod.

Ad Tit. de Rescriptis in Clementinis.

P. MARCOS VICENTE, natural do Conselho de Geràs de Lima, termo da Villa de Ponte de Lima, em a Provincia da Beira, sendo filho de Diogo Vicente, e Anna Martins. Entrou em o Noviciado da Companhia de Jesus da Cidade de Coimbra a 24 de Janeiro de 1575, onde instruido nas sciencias severas as dictou com credito do seu nome, em a Universidade de Evora, deixando compostos os seguintes Tratados, que se conservaõ no Collegio da mesma Cidade.

De Restitutione, Voto, & Blasfemia. fol. M. S.

De Pænitentia. fol. M. S.

Sor. MARGARIDA DE S. PAULO, chamada no seculo Dona Margarida de Noronha, naceo em a Cidade de Evora, onde teve por claros Progenitores a D. Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares, Comendador de S. Martinho no Bispado de Coimbra da Ordem Militar de Christo, Embaixador del Rey D. João III. a França, e Mordomo mór da Rainha D. Catherina, e D. Violante de Andrade Dama da Emperatriz D. Izabel, filha de Fernaõ Alvares de Andrade, Fidalgo da Casa del Rey D. João III., e do seu Conselho, Escrivaõ da Fazenda, e seu Thesoureiro mór, e de Izabel de Paiva, filha de Nuno Fernandes Moreira, Escrivaõ da Camera de Lisboa. Na primavera dos annos se desposou com o Di-

vino Cordeiro, em o Convento da Annunciada da illustre Ordem de S. Domingos preferindo com heroico desengano os rigores do claustro ás delicias da Casa paterna. A perspicacia do juizo, e felicidade da memoria contribuirão para ser insigne na intelligencia das lingoas Latina, Franceza, Italiana, e Ingleza, como nas Artes Liberaes, escrevendo com tal primor, e debuxando com tanta valentia, que igualmente arrebatava as attençoens dos mais excellentes professores da Pintura o seu pincel, e a sua penna. Na Architectura civil foy taõ perita que desenhou a Igreja, Officinas, e Varanda do Convento da Annunciada, que elegeo para sua habitaçaõ. Naõ lhe deveiraõ menor disvelo a Arismethica, e a Musica regulando pelos seus preceitos a suave voz com que cantava, e a destreza com que tocava varios instrumentos. Para fugir do ocio se occupava compondo varios discursos na lingua Latina, e Portugueza ornados de erudiçaõ sagrada, e profana. Unio com tal arte os dotes de prudente, e afavel que exercitou por quatro trienios o lugar de Prioreza, experimentando as subditas ternura de Máy, e naõ severidade de Prelada. Informado Filippe II. da sua profunda erudiçaõ, como honrasse com a sua real pretenta a profissaõ de huma Religiosa, a ouviu recitar neste Acto huma Oraçaõ sobre os tres votos solemnes, deixando justamente admirado taõ grande Monarcha da elegancia, e discriçaõ com que ornou este discurso. Cumulada de virtudes, e cheya de annos falleceo piamente a 2 de Janeiro de 1636, quando contava 86 annos de idade. Fazem honorifica memoria da sua erudiçaõ, e Artes liberaes em que foy insigne Antonio de Sousa de Macedo *Flor. de Espan.* cap. 8. excel. 9. Duarte Nunes de Leão *Descrip. de Portug.* cap. 90. Pacheco Vid. *da Infant. D. Mar.* liv. 2. cap. 2. Fr. Franc. da Nativid. *Lenit. da Dor.* p. 130 Franc. de Santa Maria *Diario Portug.* p. 18. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 71. e 347. onde erradamente escreve ser Religiosa Franciscana, cujo erro seguiu indisculpavelmente Fr. Joaõ de S. Antonio. *Bib. Franc.* Tom. 2. pag. 321. col. 2. pois naõ devia ignorar, que o Convento da Annunciada de Lisboa fora sempre da Ordem de S. Domingos. Damiaõ de Froes Perim aliã Fr. Joaõ de

S. Pedro *Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 123. Fonseca *Evor. Glor.* p. 415. Sousa *Histor. Gen. da Caf. Real Portug.* Tom. 5. p. 262. Traduzio da lingua Latina em a materna

Regra, e Constituiçoens que professão as Freiras da Ordem do Patriarcha S. Domingos, com o modo que nella se usa de deitar o habito, fazer profissaõ ás Freiras, e Capitulos. No fim se contém dez Oraçoens á honra das Dores, e Lagrimas com que a Virgem Senhora acompanhou a Paixaõ de seu Filho, para com ellas se rezar cem vezes a Ave Maria, e o modo do Rosario. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1611. 8.

Discursos Espirituaes. M. S. Desta obra fazem mençaõ Sousa de Macedo, Duarte Nunes, e Fr. Francisco da Natividade nos lugares affima allegados.

Relaçã do Caso da Prioreza da Annunciada Sor Maria da Visitaçaõ, que fingio ter impressas as Chagas de Christo no seu corpo. M. S. Nella narra com toda a individuaçaõ este caso, que escreve com a sua natural elegancia o grande Fr. Luiz de Sousa *Hist. da Prov. de S. Domingos de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 11.

Sor. MARGARIDA PINHEIRA, Religiosa professa do reformado Convento de JESUS da Villa de Aveiro da preclarissima Ordem dos Prégadores, cujo habito vestio antes do anno de 1475, onde sendo das primeiras habitadoras deste domicilio, exactamente observou os preceitos do seu instituto servindo de exemplar ás suas virtuosas companheiras, e como entre ellas se distinguisse a Serenissima Princeza D. Joanna, filha dos Augustos Monarchas D. Affonso V. e Dona Izabel, que pelas suas acçoens mereceo ser adorada nos Altares, escreveo com estylo sincero

Vida, e morte da Serenissima Princeza D. Joanna, filha do Christianissimo Rey D. Affonso V. de Portugal, e de D. Izabel sua mulher. M. S. O Original escrito em pergaminho se conserva no Convento de Aveiro, do qual se remeteo huma copia ao Padre Daniel Papebrochio da Companhia de Jesus, continuador da grande obra do *Acta Sanctorum*, que a traduzio em Latim, e sahio impressa no Tom. 7. do mez de Mayo no Appendix do dia 12. desde pag. 723. até 758. A Authora certifica no fim da obra, que

que tudo quanto nella escrevera era verdadeiro, pois o não ouvira de pessoa alguma, mas o examinara com seus olhos fieis testemunhas da sua narração, a qual como diz Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. p. 840. *Scripta videtur cum maxima ingenuitate, nec minori diligentia circumstantiis omnibus accurate observatis.* Da Authora, e da obra se lembra Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dom.* Tom. 3. p. 289.

Vida de Soror Brites Leitoa, Fundadora, e Priora do Convento de JESUS de Aveiro. Desta obra faz ella memoria em o num. 149 da *Vid. da Serenif. Inf. D. Joanna*, como affirma o referido Echard. pag. 840.

D. MARIA, Infanta de Portugal, Senhora de Viseu, e Torres-Vedras, do Senasçalado de Agenois em a Provincia de Gascunha, e dos Senhorios de Verdum, e Rieux em Languedoc, naceo em a famosa Lisboa para augmento dos seus claros tymbres a 8 de Junho de 1521, sendo seus augustos progenitores o Serenissimo Monarcha D. Manoel, e sua terceira Consorte a Rainha D. Leonor, irmãa do Cesar Austriaco Carlos V. Conferio-lhe a primeira graça D. Martim Vaz da Costa, Arcebispo de Lisboa, e recebeu a primeira educação de D. Elvira de Mendocça Camareira mór da Rainha Dona Leonor. Sucedendo pouco tempo depois de nacida a morte de seu grande Pay, e a ausencia de sua Mãy para Castella, foy educada pela Rainha D. Catharina sua Tia, e Cunhada, e em tão virtuosa escola sahio ornada daquelles dotes, que lhe immortalizaraõ a memoria na posteridade. A viveza do juizo, e a facilidade da comprehensão contribuiaraõ para velozmente aprender os dialectos das linguas Latina, e Grega de que teve por Mestra a insigne Matrona Luiza Sigea, Dama de Toledo, que casou com D. Francisco de Cuebas Senhor de Villafur. Ouvio explicadas as difficuldades da Filosofia, e os mysterios da sagrada Escritura por D. Fr. Joaõ Soares Mestre que foy de seu sobrinho o Principe D. Joaõ, o qual depois subio á Cadeira Episcopal de Coimbra. Quando contava 16 annos de idade lhe formou seu irmão Dom Joaõ III. Casa composta das pessoas da primeira Nobreza do Reino. Para evitar a oc-

ciosidade fecunda mãy de todos os vicios, cõverteo o Palacio em habitação das Musas, e Palestra de virtudes distribuindo o tempo em louvaveis exercicios, dos quaes era director o insigne Fr. Francisco Foreiro, immortal credito da Ordem Dominicana. Nas horas vagas se deleitava, ouvindo varios instrumentos que destramente tocavaõ as suas Damas, quando outras com o pincel, e a agulha competiaõ entre si no primor da Pintura, e subtileza do lavor. O excessõ da fermosura, a pratica das virtude, e a opulencia dos Estados, de que liberalmente a dotaraõ a natureza, graça, e fortuna, foraõ efficazes estimulos para ser pretendida para Esposa dos mayores Principes da Europa, quaes eraõ o Delfim de França, filho de Francisco I. enteado de sua Mãy, D. Fernando de Ungria Rey dos Romanos para seu filho, o Archiduque Maximiliano, e Philippe I. de Castella, cujas pertençoens se frustraraõ por disposição de Providencia mais alta. Para satisfazer as laudades de sua Mãy originadas do longo intervallo de 37 annos de ausencia, partio de Lisboa no anno de 1558 acompanhada de grande numero de Fidalgos, e avistando-se com ella na Cidade de Badajoz, não he explicavel o jubilo, e ternura com que ambas se laudaraõ, e querendo a Rainha que a Infanta não voltasse a Portugal, lhe offerreceo todas as riquezas, e Estados que possuhia; porém lembrada a Infanta do juramento, que dera de se restituir ao Reino, preferio a sua palavra a todas as instancias de sua Mãy, a qual sentio tão excessivamente esta ausencia, que passados poucos dias a privou da vida. Restituida a Portugal continuou na pratica das virtudes religiosas, sendo a mais recomendavel o celibato que observou regeitando os desposorios de Fernando Rey dos Romanos, depois Emperador de Alemanha solicitados por seu irmão D. Joaõ III. a quem affirmou com resolutõ animo, que não seria Consorte do mayor Monarcha do mundo, sómente para gozar da tranquillidade do espirito, que era incompativel com a Coroa. Consumida de huma febre lenta recebeu com catholica piedade os Sacramentos, que instantemente pedira, e falleceo a 10 de Outubro de 1577, quando contava 56 annos 4 mezes e 2 dias de idade. Foy depositado o seu cadaver no

Capitulo do Convento da Madre de Deos de Religiosas da primeira regra de S. Clara, situado no suburbio de Lisboa, donde passados 20 annos foy transferido em 30 de Junho de 1597 com magnifica comitiva, que se compunha dos cinco Governadores do Reino, para o Mosteiro de N. Senhora da Luz distante huma legoa de Lisboa habitado de Religiosos da Ordem Militar de Christo fundação da mesma Princeza, onde jaz em sepultura raza no pavimento da Capella mór. Junto deste Mosteiro erigio hum magnifico Hospital com sesenta e tres leitos, e lhe assignou abundantes rendas para sustentação dos enfermos, e enfermeiros. Naõ sómente nestes dous edificios eternizou a piedosa, e magnifica memoria do seu animo, pois tambem saõ obeliscos da sua devota profusaõ o Convento de Lisboa das Comendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz com o titulo de N. Senhora da Encarnação, o Mosteiro do Calvario de Evora da primeira regra de S. Clara, o Collegio de Coimbra, para os Religiosos Franciscanos; e o Convento dos Capuchos, situado na Villa de Torres-Vedras. A vida desta insigne Senhora escreveo elegantemente na lingua Castellhana Fr. Miguel Pacheco, Religioso da Ordem Militar de Christo, e sabio impressa em Lisboa no anno de 1675. A sua saudosa memoria dedicou hum discreto Panegyrico o grande Joaõ de Barros, que publicou em as *Notic. de Portug.* o eruditissimo Chantre de Evora Manoel Severim de Faria. Celebraõ o seu nome diversas penhas, como saõ Joan. Soar. de Brito. *Theatr. Lusit. Litter. lit. M. n. 4. Fæmina undequaque spectatissima, & doctissima.* Mariz *Dialog. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 40. Foy Princeza de singulares virtudes, riquissima de patrimonios hereditarios, de taõ grande casa, que para se igualar ás Rainhas de Europa naõ lhe faltava mais que o nome.* Pacheco *Vid. da Inf. D. Mar. liv. 2. cap. 2. Se diõ a la lengua Latina em que hizo tales progressos, que a poco tiempo socorrida de su docilidad, y talento la escrevio, y hablava como si fuera materna; lo mismo le sucediõ con la Grega &c. e cap. 3. Podia ser contada entre las eruditas deste siglo.* Macedo *Flor de Espan. Cap. 8. excel. 11. En la Poesia fue muy insigne: escrevio en Latin, y tenia perpetuamente Academia de mugeres doctas.*

Duard. Non. *De Ver. Reg. Portug. Geneal. fol. 35. vers. forma, ingenio, moribus ornatissima. ena Descripo. de Portug. fol. 151 vers. Foy muito estudiosa de letras, e fez na lingua Latina, e outras grande progresso.* Vasconcel. *Anaceph. Reg. Lusit. p. 273. Illibato virginitatis flore, singularisque virtutis exemplo spectatissima.* Faria e Sousa. *Epit. das Hist. Portug. p. mihi 277. Princeza benemerita de Portugal con ingenio raro, hermosura grande, con virtud igual, con animo soberano. e no Coment. das Rim. de Cam. Tom. 1. p. 164. col. 2. Su casa era una Universidad de mugeres singulares en letras y en otras artes ingeniosas.* Vasæus *Chron. Hisp. cap. 9. inter eruditas hujus ævi recenseri merito poterat nisi calamus tanto succumberet oneri, atque adeo ad tantarum laudum molem subeundam inhorresceret.* Osor. *de reb. Emman. lib. 12. ingenio, animi magnitudine, & opibus summis excelluit.* Nicol. *Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. p. 346. col. 1. eximiam quamdam exculti bonis quibuscumque artibus ingenii laudem sit consequuta.* Ao seu retrato fez o grande Jurisconsulto, e naõ menor Poeta Manoel da Costa o subtil hum elegante Epigrama, que fechou com estas discretas vozes

*Denique si posset mortali lumine cerni
Hac facie virtus conspicienda foret.
Nec tamen ostendi potuit satis illa venustas
Qua toto visum est gratius orbe nihil.*
Achilles Estaço, compoz em seu aplauso o seguinte Elogio metrico.
*Ecce autem medias inter Pimpleiadas ibat
Virgo alacris lauro flavos redimita capillos;
Et nisi Itoniados nossem simulacra Minervæ
Hastamque, Galeamque, trucemque sub
Ægide vultum
Pallada credideram incessu Dea maxima
certe
Credi digna fuit, &c.
Nunc tecum ð Princeps sermo est mihi
maxima, gentis
Lusiadum, & sexus decus immortale secundi. &c.
Quæ quotquot famam ingenii meruere puellas
Aut superas, aut si dicendum præsciis æquas.
Cernitur eloquio sexum decorare virilem
Fæmi-*

*Fæmina, (cum corvo contingit rarius albo)
Artibus ingenuis pollens, linguæ que ni-
tore.*

*Te tua nobilitas, virtus animosa virago
Quod doctrinarum raperis dulcedine mira,
Atque animi dotes, opibus, sceptris que
priors*

*Judicio ducis, recto que examine libræ.
Denique posthabito formæ excellentis ho-
nore*

*Deside mollitia, ac penitus langore sepulto
Excollis ingenium studiis operata Miner-
væ.*

*Nec tibi tam regni spes ablanditur habendi
Quam trahit atonitam facundia docta Pla-
tonis,*

*Quem cumulare jubes libros, tibi pulcra
supellex.*

*Hæc placet, hæc animum curis oblectat
omissis,*

*Quæ simulare solent, mentes que agitare
pusillas.*

Salve egregium, Virgo, decus inuptarum.
Ambas estas duas obras latinas, publicou
Fr. Miguel Pacheco *Vid. da Inf. D. Mar.*
a fol. 133. vers. e fol. 135. vers.

O divino Camoens lamentou a sua morte,
com hum Soneto, que he o 83. da Centuria
e começa

Que levas cruel morte?

Compoz varias obras latinas de q̄ hazen men-
cion (escreve Fr. Miguel Pacheco na *Vida*
da mesma Princeza liv. 2. cap. 2.) los que
tomaron por su cuenta hazer *Cathalogo de*
Authores Portuguezes. Dellas sómente se
publicaraõ duas cartas escrita a primeira em
reposta de outra a Carlos V. em 12 de Mar-
ço de 1542, e sahio impressa no liv. 1. cap.
8. da *Vida* já allegada. A segunda na lingua
Latina a sua Mãe com este titulo

*Christianissimæ Galliarum Reginae Eleono-
ræ, Matri pientissimæ Maria obsequentissi-
ma filia salutem. Começa. Pro summo cel-
itudinis tuæ erga me amore. &c.* Sahio no
liv. 2. cap. 2. da *Vida da Infant.* e no Tom.
2. das *Prov. da Hist. Gen. da Cas. Real.*
Portug. p. 711.

D. M A R I A, Princeza de Parma, e
Placencia naceo em a Cidade de Lisboa a
8. de Dezembro de 1538, sendo feliz pro-
dução do Augusto Thalamo dos Infantes
D. Duarte Duque de Guimaraens, filho

delRey D. Manoel, e de D. Izabel filha de
D. Jaime IV. Duque de Bragança. Com
portentosa emulação formaraõ a natureza,
e a graça a esta grande Heroína para exem-
plar de virtudes, e Oraculo de Sciencias. A
soberania do nascimento, e muito menos a
delicadeza do sexo naõ serviraõ de obstacu-
los, para que com continua applicação pene-
trasse os primores da lingua Latina, e Gre-
ga, os segredos da Filosofia, as observaço-
ens da Mathematica, e os profundos Myf-
terios de hum e outro Testamento do qual
grande parte examinada pelo entendimen-
to a recomendou felizmente á memoria.
Estes scientificos dotes illustrados com insi-
gne fermosura, summa modestia, e natu-
ral afabilidade a constituirão digna, de que
Margarida de Austria Governadora de Flan-
des, filha do Emperador Carlos V. a per-
tendesse para esposa de seu filho Alexandre
Farnese Principe de Parma, filho de Octa-
vio Farnese. Concluido o Tratado destes
augustos desposorios na Corte de Madrid a
21 de Março de 1565, expedio Margarida
de Austria huma Armada de Flesinga, de
que era General Pedro Ernesto, Conde de
Mansfelt para conduzir a Princeza, e sa-
hindo do porto de Lisboa a 14 de Setembro,
depois de vencidos varios infortunios cau-
fados pela inconstancia do mar, chegou a
Flesinga, e sendo levada com magestosa
comitiva á Cidade de Bruxellas se desposou
a 11 de Novembro de 1565, com Alexan-
dre Farnese aquelle Herde, que competin-
do com o Macedonio no valor, o excedeo
na religião. Para a celebridade deste sobe-
rano consorcio se deputou o dia do Aposto-
lo S. André Padroeiro da Ordem Militar
do Tusaõ de ouro cumprindo cento e qua-
tro annos, que se instituirã em obsequio de
outra Princeza Portugueza, qual foy a Se-
nhora D. Izabel, filha delRey D. Joaõ I.
A assistencia dos Cavalleiros vestidos de ce-
remonia fizeraõ este acto igualmente ma-
gestoso, que plausivel continuando estes ob-
sequios a Fidalguia de Flandes pelo espaço
de muitos dias, em que se admiravaõ uni-
dos generosos dispendios, com sinceros af-
fectos. Deixando saudotos os Estados de
Flandes da sua agradavel presenca, entrou
em Parma a Princeza onde os seus Vassal-
los explicaraõ o jubilo dos seus coraçoes
em toberbas maquinas animadas de elegan-
tes

tes inscripções. Todo o seu empenho consistio em querer mais dominar as paixões, que as vontades dos seus subditos, para cujo fim foy Iris benigno que pacificou discordias inveteradas, Argos vigilante para socorrer necessidades, e remediar afflicções, Astrea prudente para distribuir premios, e castigos quando substituhio o governo do Duque seu Sogro, e do Principe seu marido. Podia o seu Palacio ser norma do Mosteiro mais austero, onde com as suas Damas ocupava o tempo, que lhe restava dos exercicios devotos, em bordar com primoroso artificio diversos paramentos para culto, e ornato dos Altares. Mereceo, que fosse Director da sua consciencia Santo André Avellino, de cujos preceitos sahio consumada na etcola da perfeição Evangelica. Nunca usou de pomposos vestidos como inimiga da vaidade lisonjeando-se daquelles, que sem offensa da soberania eraõ mais conformes á honestidade. Reduzia o corpo ás leys do espirito com tal recato q̄ unicamente eraõ patentes a Deos as suas ações mortificadas. Prodiga com os pobres, e parca com a sua Pessoa dispendia cõ generosa mão copiosas esmolas ao mesmo tempo que evitava gastos superfluos. Aborrecia na conversação toda a pratica, que degenerava em detração do proximo, como tambem na mesa se abstinha daquelles manjares, que eraõ mais gratos ao gosto. Como vigilante cultora da honestidade se empenhava, para que muitas mulheres deixando a vida escandalosa abraçassem o estado religioso, e para que suas filhas não seguissem o seu pernicioso exemplo lhes erigio hum Recolhimento onde conservassem illeza a flor da virgindade. Passados onze annos da sua assistencia em Parma enfermou gravemente de huma prolongada doença, que tolerou com animo varonil. Para fazer mais meritoria esta tolerancia se resignou na vontade de seu Criador offerecendo todas as angustias da fatal hora da morte em satisfação das suas culpas. Despedio-se com ternura de seus filhos exhortando-os com maximas catholicas ao temor de Deos, e observancia de seus preceitos. Recebidos os Sacramentos com summa piedade, e sustentando com a mão direita huma vela que lhe mandara para aquella hora a Santidade de Pio V. repetindo tres vezes o Santissimo

Nome de JESUS espirou, quando pronunciava estas palavras *Domine suscipe spiritum meum* a 8 de Julho de 1577, quando contava 39 annos de idade. Foy universalmente lamentada a lua morte aclamandoa o povo por Santa. Na Cathedral se celebraraõ exequias com aquella pompa devida á sua augusta Pessoa. Cantou a Missa o Bispo de Cremona, e recitou o Panegyrico funebre Camillo Platonio Academico dos Innominatos de Parma, e entre os elogios que fez a esta Heroína disse: *liberalibus artibus non mediocriter operam dedit, & in Philosophia præcipue Mathematicis disciplinis tãtum profecit, ut maiorem inde cognitionem hausserit quàm facile sit cuiquam à muliere factum fuisse credere.* Jaz com o Principe seu marido no Convento dos Capuchinhos em sepultura raza. Do consorcio contrahido com Alexandre Farnese foy a primeira produção a Princeza Margarida, que nascendo a 7 de Novembro de 1567, casou com o Duque de Mantua Vicente Gonzaga: O Principe Raynucio nacido a 28 de Março de 1569, IV. Duque de Parma, e Placencia Alferes mór da Igreja, Cavalleiro do Tusaõ que falleceo no anno de 1622. Desposou-se no anno de 1600 com a Princeza Margarida Aldobrandina, filha de Joã Francisco Aldobrandino Principe de Carpignano, e da Princeza Olympia, filha de Pedro Aldobrandino irmão do Pontifice Clemente VIII. de quem teve larga descendencia. O Principe Duarte Farnese Cardeal da Igreja Romana creado pela Santidade de Gregorio XIV. a 6 de Março de 1591. Foy Bispo de Sabina, e Tusculi legado do Patrimonio de S. Pedro, Protector de Portugal, Aragaõ, Inglaterra, Suecia, Ragusa, e Helvecia, insigne Mecenas dos eruditos, e perfeito exemplar de Prelados. Falleceo em Roma a 21 de Fevereiro de 1626. O P. D. Antonio Caetano de Sousa cahio em hum erro palmar na *Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* Tom. 3. p. 450, escrevendo que este Principe nacera no anno de 1565; quando no mesmo lugar affirma que seu irmão mais velho nacera no anno de 1569. (como certamente naceo) cuja allucinação podera facilmente evitar se reparasse ter escrito que a Serenissima Senhora D. Maria sua Mãe se recebera em Brucellas com Alexandre Farnese a 11 de Novembro de 1565, e não

e não podia no breve espaço de dous mezes que faltavaõ ao anno de 1565 conceber, e parir ao Principe Farnese. Nem pôde servir de desculpa ao P. Sousa cometer este erro guiado pela authoridade de D. Luiz Salazar de Castro que no *Ind. das Glor. da Cas. Farnes.* p. 274. escreve que nacera o Principe Duarte no anno de 1565, cujo erro he da impressãõ pois a pag. 660. da mesma obra relatando os filhos que tivera a Senhora Dona Maria colloca o nascimento do Principe Raynuncio a 28 de Março de 1569, que foy o primogenito, e sendo filho segundo Dom Duarte (como certamente foy) devia nacer em 1570, e nunca em 1565. A vida desta insigne Heroína escreveo seu Confessor o P. Sebastião de Moraes Jesuita, em a lingua Italiana, da qual foy traduzida na Castelhana por Francisco Alvarado, que depois illustrou com notas o Doutor Diogo Peres, as quaes verteo em Italiano Julio Zanchini da Castiglienchio, e sahiraõ, Florença por Filippe Giunti 1593. Diversos Authores celebraõ o nome, e virtudes desta preclarissima Princeza com elogios sempre inferiores ao seu merecimento. P. Jozé Silos *Hist. Cler. Reg.* Tom. 1. pag. 506. *Plane Regiæ hujus fæminæ partes, ac cælestia dona recensere, ac stylo complecti prolixum omnino esset ... cumque elegantissimis litterarum, quæ erant ejus ingenii amœnitas, ac eruditio, maxime caperetur; frangebatur nihilominus ejusmodi genium, ac impetum, ne inter dictionis munditias sordes interdum sententiarum, ut in cultissimis poetis accidit, offenderet.* Favian. *Strad. de Bello Belg.* Decad. 1. lib. 4. p. mihi 114. *Celebri fama per Hispaniam puella volitabat, & par erat sue famæ: prædicabaturque una ingenio omnia comprehendere, Latina lingua expedite, ac perbene loqui: græcas litteras proxime callere; philosophiam non ignorare, Mathematicorum disciplinas apprimè nosse, divina utriusque Testamenti oracula in promptu habere; sed super hæc innocentia morum, ac sanctitas erat.* Sousa de Macedo *Flor. de Espan.* cap. 8. excel. 11. *Supo mucho en Mathematica, y en otras letras humanas, y era muy versada en la escritura. Vanconcel. Descript. Regn. Port.* p. 528. *perfectæ pietatis aliarumque virtutum impressa vestigia ad omnem reliquit immortalitatem.* Goes *Chron. del Rey D. Man.* Part. 3. cap. 78. *Princezas*

Tom. III.

(falla juntamente de sua irmãa a Senhora D. Catherina) dignas de muitos louvores pelas grandes qualidades, e virtuojas partes que em cada huma dellas ha. Fr. Luiz dos Anjos *Jard. de Portug.* p. 448. *Foy muy doutra nas linguas Latina, e Grega, e além do conhecimento das Artes Liberaes era por extremo versada na sagrada Escritura.* Rivera *Glor. Immort. delle Donec. illustr.* p. 296. *dotta en Mathematica, e Astrologia.* Bavia *Hist. Pontif.* P. 3. cap. 27. *desde sus primeros años aun despues de cazada fue continuando grande aspereza de vida.* Cavitelli *Anal. Cremon.* fol. 395. *Castissima, & valde proba.* Costa *Loor de las Mag.* fol. 98. vers. *Doctissima y grande Astrologa, y Mathematica.* Hypol. *Marrac. Heroid. Marian.* p. 346. *Serenissima, simulque pientissima Heroína.* Pacheco *Vid. da Inf. D. Mar.* liv. 2. cap. 2. *ha sido eminente en letras divinas, y humanas, y por excellencia en la sagrada Escritura e sobre esto coronada de tantas virtudes.* Leti *Hist. de Filip. II.* Tom. 2. liv. 18. p. 436. *Princeza dotada de ingenio capace de tuto, intelligentissima de la lengua Latina, de la Filosofia, e Mathematica.* Froes *Theatr. Heroin.* Tom. 2, p. 119. *Heroína a todas as luzes grande, e p. 122. de claro juizo aguda intelligencia: fallava com promptidaõ a lingua Latina, comprehendeo a Grega, e não ignorava a Filosofia. Nas Mathematicas foy muito doutra, e na sciencia da Escritura sagrada teve tanta erudição, que repetia de memoria os Oraculos de hum; e outro Testamento.* Duarte Nunes *Descrip. de Portug.* fol. 151. vers. *Entre as muitas, e raras virtudes, que nella houve se deve sempre fazer menção da grande eminencia, que tinha nas letras divinas, e humanas, porque tinha muita noticia da lingua Latina, e da Grega: era nas Mathematicas muy doutra, e na Filosofia natural, e muito mais na sagrada Escritura, em que continuamente se occupava.* Salazar e Castro *Ind. de las Glor. de la Cas. Farnes.* p. 654. *Es summamente difficil la solucion del problema que se puede hazer tratando de la Princeza D. Maria de Portugal sobre qual de sus eminentes circunstancias excediõ a las otras, esto es las perfecciones del cuerpo; las virtudes del animo, la felicial del nacimiento, la dicha del matrimonio, que las mas elevadas alianças.* Sousa *Hist. Gen. da Cas.*

Ggg

Real

Real Portug. Tom. 3. liv. 4. p. 446. Teve grande applicaçõ ás boas letras em que gastava o tempo com utilidade escrevendo na lingua Latina com elegancia, e fallando-a com desembaraço; da lingua Grega teve bastante conhecimento, e a Filosofia, e Mathematica estudou com cuidado, e no 4. Tom. do *Agiol. Lusit.* p. 83. a quem a graça, e natureza dotaraõ com singularidade dandolhe hum animo pio, e devoto, condiçãõ branda, e humilde, hum entendimento taõ elevado, que parecia receber illustraçãõ das mesmas virtudes, que praticava.

Compoz

Meditaçõens para as suas Damas. Escritas em Italiano que depois se traduziraõ em Francez, e em ambos estes idiomas se imprimiraõ. Desta obra fazem memoria Salazar *Ind. de las Glor. de la Cas. Farnese* p. 664. e o P. D. Anton. Caetano de Sousa *Agiol. Lusit.* Tom. 4. p. 107. no *Comment.* de 8. de Julho col. 1.

Instruçãõ composta de 31 advertencias que devia obrar exactamente cada dia, e hora. Esta obra que compoz por superior impulso estava reduzida a hum papel que trazia sempre no peito, e foy achada depois da sua morte reclusa em hum escritorio. Sahio impressa na Vida da mesma Princeza escrita por seu Confessor o P. Sebastiaõ de Moraes. Bolonha por Alexandre Bonucci 1578. 8. desde p. 6. até 15. Traduzida por Francisco Alvarado Jesuita em Castelhano. Madrid. 1591. 8. e em Portuguez, por Fr. Luiz dos Anjos no *Jard. de Portug.* p. 449. até 456. Coimbra por Nicolao Carvalho 1626. 4. Desta obra faz memoria o P. Famiano Estrada de *Bello Belgico.* Dec. 1. lib. 4. p. mihi 118. com estas elegantes expressõens. *Repertum paulo post ejus obitum in secretiore scrinio commentariolum perbreve, & capitale earum rerum, quam in quotidiana vita, perque horas fere singulas ipsa sibi accuratè haustaque divinitus luce perscripserat. In quibus videre licet (nam hoc quoque cum ejus vita editum est) quale illius fuerit de Christiana perfectione judicium, & qualem se ad eam perfectionis normam conformaret.*

Muitas *Cartas* escritas da sua propria maõ que vimos, se conservaõ no Archivo da Serenissima Casa de Bragança, das quaes fez duas patentes por beneficio da impressãõ o P. D. Antonio Caetano de Sousa nas *Prov. da Hist.*

Gen. da Cas. Real Portug. Tom. 2. p. 689. e 692. A 1. escrita a sua irmãa, a Senhora D. Catherina, sobre a morte da Infanta D. Isabel sua Mãy. A 2. a seu irmão D. Duarte.

Sor. MARIA DE LA ANTIGUA, naceo em o Termo da Villa de Caçalla de la Sierra distante doze legoas da Cidade de Sevilha, onde na Igreja Parochial recebeu a primeira graça a 25 de Novembro de 1566. Foy filha de Balthasar Rodrigues de geraçãõ nobre, natural da Cidade de Elvas, e por esta causa admitida a esta Bibliotheca, e de Anna Rodrigues, natural da Cidade de Badajoz. A falta de cabedaes os obrigou a passar para Utrera, onde serviaõ as Religiosas Dominicanas do Convento de N. Senhora de la Antigua, de que a filha tomou o nome, e recebeu o apellido. Atrahida a Prioriza Maria de Leaõ da fermosura da menina a recolheo, e educou no Convento até a idade de seis annos, e como enfermasse de humas chagas na cabeça a mandou curar a Sevilha em em casa de seu sobrinho, onde foy tratada com todo o cuidado até ser restituída a saude perfeita. Quando contava doze para treze annos recebeu o habito de Freira conversã, em o Convento de Marchena da Ordem de Santa Clara, onde começou a exercitar-se em virtudes taõ heroicas, que por ellas mereceo favores celestiaes. Havendo assistido neste Convento trinta e sete annos, passou por ordem de Deos para o Convento da Conceiçãõ de Mercenarias Descalças fundado em Lora, entrando nelle a 15 de Junho de de 1617, onde viveo dous mezes, e vinte dias, fallecendo arrebatada em hum extasi sexta feira 22 de Setembro do dito auno de 1617, quando contava 50 annos e 10 mezes de idade. O seu cadaver esteve depositado algum tempo neste Convento, e depois em o de S. Jozé de Sevilha da mesma Ordem Mercenaria até ser tresladado para o de Marchena de Religiosas de Santa Clara, cuja fundaçãõ tinha vaticinado, e nelle se conserva incorrupto. De suas virtudes se fizeraõ processos com authoridade apostolica por diligencia das Ordens Serafica, e Mercenaria. Fazem illustre memoria desta grande Serva de Deos. Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 71. col. 1. onde se

equivoc-

equivocou em as principaes noticias da sua vida. Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 2. p. 221. col. 2. Daza de *Concept.* cap. 6. *Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 185. Sousa *Exp. ped. Hisp. S. Jacob.* p. 875. §. 2077. e pag. 1395. §. 547. Por ordem do V. Fr. Bernardino de Corvera Franciscano seu Confessor escreveu

Desengaño de Religiosos, y de almas que tratan de virtud. Sevilha por Juan Cabeças 1678. fol. Barcelona por Jozé Llopis 1697. fol. & ibi por Juan Piferrer 1720. fol. Publicou esta obra Fr. Pedro de Valbuena, Prégador, e Definidor da Recoleição Franciscana da Provincia de Andalusia.

Arte de bem morrer. Desta obra faz menção a Authora no liv. 1. cap. 6. da obra precedente.

D. MARIA ANTONIA DE S. BOA-VENTURA E MENEZES. Naceo em Lisboa, onde teve por Pays a Roque Monteiro Paim Cavalleiro da Ordem de Christo Comendador de S. Maria de Campanhã, e Santa Maria de Gesmonde, e Secretario das Merces del Rey D. Pedro II., e a D. Joanna Maria de Menezes, filha de Lourenço de Mello, e D. Bernarda Michaela da Sylva. Casou com Rodrigo de Sousa, filho de Fernão de Sousa I. Conde de Redondo Senhor de Gouvea, Figueiro, e Pedrogaõ, Alcaide mór de Monte-Alegre, e Védor da Casa dos Serenissimos Reys D. Affonso VI. D. Pedro II. e D. Joaõ V. e de D. Luiza Simoa de Portugal, filha de D. Rodrigo Lobo da Sylveira, e D. Maria Antonia de Vasconcellos primeiros Condes de Sarzedas, de quem teve cinco filhos, e duas filhas. Desde a primeira idade se applicou á lição dos livros, e intelligencia das lingoas mais polidas traduzindo da lingoa Italiana em a Materna.

Historia da Igreja do Japaõ, em que se dá noticia da primeira entrada da Fé naquella Imperio, dos costumes daquella Nação gentes, suas terras, e cousas muito curiosas, e raras para os eruditos estimaveis, e para todos gratas composta pelo P. Joaõ Crasset da Companhia de Jesus, que a escreveu em a lingoa Franceza. Lisboa por Manoel da Sylva 1749. 4. com diversas estampas.

Tom. III.

Sor **MARIA DA ASSUMPÇAM**, natural de Lisboa, filha de Luiz Gonçalves de Attaide IV. Conde de Atougua, e de sua mulher Dona Violante da Sylva, dos quaes se apartou occultamente com resolução mayor que a sua idade para abraçar o instituto Serafico, em o religiosissimo Convento de S. Martha. Neste domicilio, em que foy Mestra de Noviças, e tres vezes Abbadessa, servio de exemplar a todas as Religiosas tendo o seu mayor disvelo exercitar-se nos mais humildes ministerios da Comunidade para extinguir da memoria o esplendor do seu nascimento. Cumulada de virtudes partio a lograr o premio na Jerusalem celeste a 15 de Mayo de 1653, quando contava 80 annos de idade. Por ordem do seu Confessor o P. Antonio Bandeira da Companhia de Jesus de quem em seu lugar se fez distincta memoria, escreveu

Vida de Sor Maria da Assumpção. M.S. a qual entregou o mesmo Padre ao Licenciado Jorge Cardoso donde extrahio tudo quanto escreveu desta Serva de Deos no Tom. 3. do *Agiol. Lusit.* p. 280.

Sor **MARIA BAUTISTA**, chamada no seculo D. Maria da Sylva natural de Lisboa, filha de Henrique Jaques, Chancelier mór da India, e Védor da Fazenda, e de D. Catherina da Sylva, filha de Luiz Teixeira Mestre del Rey D. Joaõ III. Chancelier mór do Reino, e Desembargador do Paço, de quem em seu lugar se fez merecida memoria, e de sua mulher Catherina Perestrello. Na primavera dos annos deixou as esperanças com que a lisongeava o mundo, e professou o instituto da illustissima Ordem de S. Domingos em o Convento patrio do Salvador a 9 de Novembro de 1586. Tanto se lhe anticipou a madureza do juizo á verdura da idade, que contando poucos annos de Religiosa foy eleita Mestra das Noviças, cujo lugar exercitou diversas vezes, sendo a mayor parte das que habitavaõ o Convento discipulas da sua virtuosa doutrina. No anno de 1617, em que foy Priora reduzio a boa ordem o Cartorio do Convento. Taõ inimiga era do ocio, como amante do silencio. Dispendia com os pobres toda a renda que percebia da sua Tensa, que era grande, e com tal excessso

Ggg ii

se

se penetrava da comiseracão para com elles que para os vestir se despojava dos proprios vestidos. Falleceo com summa piedade a 29 de Novembro de 1659, quando contava 89 annos de idade e 73 de religiosa. Della se lembraõ com honorificos elogios, Fr. Luiz de Sousa *Hist. de S. Dom. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 1. cap. 1. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 194. no Comment. de 11 de Mayo letr. F. e p. 416. no Coment. de 26 de Mayo letr. G. Quetif. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. p. 844. col. 1. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 71. col. 1. Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Dom.* Tom. 3. pag. 289. Altamura *Cent.* 4. ad ann. 1581. Franc. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 1. cap. 41. onde lhe mudou por engano o nome de Maria, em Marianna, e D. Luiz Salaz. de Castro *Hist. Gen. de la Cas. de Sylv.* Part. 2. liv. 12. cap. 16. Compoz

Livro da Fundaçãõ do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria, que nelle acontecerãõ. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1618. 8.

Modo de rezar o Rosario de N. Senhora, como se reza na Minerva em Roma acrescentado o principio que teve para se rezar a coros, e a devoçãõ dos Santos Auxiliadores, e huma Oraçãõ da Paixãõ do B. Pio V. Lisboa, por Jorge Rodrigues 1638. 8.

Vida de S. Jozé. M. S. Deixou-a imperfeita, e se conserva no Cartorio do Convento do Salvador.

D. MARIA DE CASTRO, que nascendo em Portugal passou com seu marido Faustino Rochien de naçãõ Francez á Corte de Pariz, onde pela profunda intelligencia que adquirio nas Faculdades de Filosofia, Theologia, Musica, e Arithmetica conciliou as estimaçoens dos mayores eruditos daquella igualmente sabia, que bellicosã Naçãõ. Escreveo

Varias obras.

Das quaes se ignora a noticia individual. dellas, como de sua Authora faz memoria o *Theatr. Heroico.* Tom. 2. p. 275.

Sor MARIA DO CEO, naceo em Lisboa a 11 de Setembro de 1658, com outra irmãã taõ semelhantes na figura, e juizo, que sómente as vozes, e os nomes defenganaõ a equivocacão dos olhos. Te-

ve por Progenitores a Antonio Deça, e D. Catherina de Tavora illustres igualmente pelo sangue, como pela piedade. Quando contava 18 annos de idade sacrificou a sua liberdade nas aras da obediencia professando o instituto Serafico em o Convento patrio da Esperança a 27 de Junho de 1676. A prudencia unida com a affabilidade lhe conciliaraõ tal affecto em todas as Religiofas que por uniforme aclamaçãõ foy duas vezes Abbadessa, huma Porteira, e outra Mestre das Noviças. Todo aquelle tempo que lhe restava das occupaçoens monasticas o confumia na liçãõ dos livros, em que se fez summamente erudita. Na metrificacão Portugueza, e Castellhana brilhou com excessõ o seu enthusiasmo produzindo diversas Poezias a assumptos sagrados, em que se admiraõ venturosamente unidas suavidade de vozes, e delicadeza de pensamentos. Naõ he menos estimavel o seu talento na Prosa, em que os seus discursos se ornaõ de expressoens eloquentes, frases elegantes, e sentenças agudas. Para evitar o aplauso que merecem as suas obras as publicou com modesta dissimulacão em nome de Sor Marina Clemencia Religiosa Franciscana no Convento da Ilha de S. Miguel, das quaes he o Cathalogo seguinte.

A Feniz apparecida na vida, morte, sepultura, e milagres da gloriosa S. Catherina Rainha de Alexandria, Virgem, e Martyr com sua Novena, e perigrinaçãõ ao Sinaay. Lisboa na Officina Real Deslandesiana. 1715. 8.

A esta obra, como a sua Authora celebra o P. Antonio dos Reys *Euthus. Poet.* n. 281.

Sedula Musarum viridanti fronde Marinam

Turba coronabat, Phario que è sanguine Crete

Virginis eximias celebrantem carmine laudes

Audire ut possit reliquis non adjicit aures.

A Preciosa. Allegorica Moral. Part. 1. Lisboa na Officina da Musica 1731. 8.

A Preciosa: obras de Misericordia em primorosos, e mysticos Dialogos expostas. Elogios dos Santos em varios Cantos poeticos, e historicos. Lisboa na mesma Officina 1733. 8.

Obras varias, e admiraveis. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa 1735.

III. mo. T. Aves

Aves illustradas; e avisos para as Religiosas servirem os officios de seus Mosteiros. Lisboa por Miguel Rodrigues 1738. 8.

Triunfo do Rosario repartido em cinco Autos do mesmo, muito devotos, e divertidos pelas singulares idéas. Lisboa por Miguel Manescal da Costa 1740. 8.

Enganos do bosque, de jenganos do rio. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1741. 8.

Relação da vida, e morte da Serva de Deus a V. Madre Helena da Cruz Religiosa do Convento da Esperança desta Cidade de Lisboa no anno de 1721. M. S. Conserva-se huma copia (como vimo:) na Livraria dos Padres Teatinos desta Corte. Começa. *Misturando as lagrimas com a tinta pela saudade.* Acaba. *Deste pouco, que aqui vay escrito para a noticia se pôde conhecer o muito que ella foy para a realidade, e melhor a ponderará a fé piedosa, que a penna rude*

Tres Autos a S. Aleixo, cujos titulos são

Mayor fineza de Amor.

Amor, e Fé.

As Lagrimas de Roma.

En la Cura vá la flecha. Comedia.

Preguntarlo a las Estrellas. Comedia.

En la mas escura noche. Comedia.

Dos tres Autos, como destas tres Comedias M. S. faz menção o *Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 243. fallando da sua Authora, da qual tambem se lembra com louvor o P. D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* Tom. 10. p. 636.

Sor MARIA DA CONCEIÇÃO. Naceo em hum lugar pouco distante da Villa de Mello, solar nobilissimo dos Senhores que a possuem, em a Provincia da Beira no anno de 1592. Professou o instituto Serafico no Convento de N. Senhora do Couto, situado na mesma Provincia, onde foy admitida pelos dous singulares dotes de insigne Musica, e destrissima Organista. Com esculpulosa exação praticou as obrigaçoens religiosas, assistindo continuamente no Coro, e favorecendo aos pobres com o proprio alimento. Cumulada de heroicas virtudes passou de caduca a eterna a 4 de Fevereiro de 1680, quando contava 88 annos de idade. Escreveo em diversos metros.

Fundação, e progressos do Mosteiro de N. Senhora do Couto. fol. M. S.

Das pennas do Redemptor.

Da hora ultima da Vida.

Espelho verdadeiro Huma Caveira.

De Christo Crucificado.

Do Bom Pastor.

Da Consolação dos pobres.

Todas estas obras se conservaõ em hum volume de folha no Mosteiro do Couto.

MARIA DA CRUZ, fahio á luz do mundo na Provincia de Entre Douro, e Minho para ser huma das mais favorecidas esposas de Christo, a quem no estado secular lhe dedicou a sua virgindade. Praticou exactamente as virtudes que brillharaõ nas Heroinas mais celebres da santidade, merecendo pela tolerancia com que padeceo affrontas, o rigor com que macerava o corpo abstando-se de todo o genero de alimento, desde Quinta feira mayor até Domingo de Paschoa em memoria do Triduo em que Christo esteve sepultado, o fervor com que na Oração pedia a conversão dos peccadores receber de seu divino Esposo singulares favores, revelandolhe claramente os Mysterios de sua Vida, e morte, como tambem o inescrutavel arcano da Santissima Trindade, de que se seguiu fallar, e discorrer taõ profundamente nestas sublimes materias, que assombrava aos mais famosos Theologos. Das suas virtuosas acçoens, foraõ testemunhas o Convento de Lorvaõ, onde assistio algum tempo, e o Convento de Viseu, que lhe servio de tumulo. Tolerada com heroica constancia huma penosa enfermidade, depois de receber os Sacramentos espirou placidamente a 24 de Mayo de 1654, quando contava 50 annos de idade. Foraõ directores da sua consciencia os Padres Francisco Cabral, e Antonio Leite, Jesuitas, Fr. Pedro Thomaz, Carmelita Descalço, e Fr. Francisco de Lisboa da Provincia de Santo Antonio, os quaes lhe ordenaraõ escrevesse a sua vida, o que executou, na qual se relataõ os raros favores, acompanhados de admiraveis extasis, e celestiaes visçoens que recebeu de seu divino Esposo. Esta vida firmada pela mão do P. Fernão Paes Cura da Cathedral de Viseu, que assistio à sua morte, teve o Licenciado Jorge Cardoso, donde extrahio o que escrevco

creveo desta Serva de Deos no Tom. 3. do *Agiol. Lusit.* pag. 392., e no *Comment. de* 24. de Mayo letr. P.

Sor MARIA DA ENCARNAÇAM. Naceo em Lisboa, sendo filha do Senhor de Pancas. Desde os primeiros annos aborreceo o seculo, e amou a Clausura preferindo a do reformado Convento do Santissimo Sacramento de Religiosas Dominicãs a dous, em que fizera alguma assistencia. Neste angelico domicilio habitado por espiritos igualmente claros pelo nascimento, que pela observancia se distinguio no excesso das penitencias. Desejava acender o fogo do Amor divino em todos os coraçoes, com aquella actividade em que o seu se abraçava. Para guiar as almas ao caminho da perfeição evangelica escrevia saudaveis ditames, valendo-se do genio poetico, de que largamente a ornara anatureza para mais suavemente serem lidos, como tambem em prosa, onde se via profundamente explicados lugares difficultosos da sagrada Escritura movendo-lhe a penna impulso superior com que penetrava sem instrução das Sciencias reconditos mysterios. Ao tempo da tua morte testemunharaõ muitas Religiosas voar sobre a sua Cella hum globo de fogo, que foy visto dos visinhos do Convento imaginando que se abraçava, em cuja lavareda se transferio o seu espirito ao centro das felicidades eternas a 2 de Agosto de 1692. Desta insigne religiosa fazem memoria Fr. Luc. de S. Cather. *Hist. de S. Dom. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 3. cap. 44. e *Theatr. Heroïn.* Tom. 2. p. 254.

Compoz

Rimas Sagradas. M. S.

Explicação de alguns lugares da sagrada Escritura M. S.

Sor MARIA FRANCISCA IZABEL chamada no seculo D. Joanna Dorothea de Mello, naceo em Lisboa, onde teve por Pays ao Coronel Miguel de Plessis, Fidalgo Francez, e D. Catherina Francisca de Sempé Mello, filha de Joã Sempé Consul da Nação Franceza nesta Corte. Deixando o seculo na idade mais florente se contagrou a Deos no religiosissimo Convento do Santo Crucifixo de Capuchas da primeira regra de S. Clara a 2 de Junho de

1674, tomando em obsequio da real Padroeira do Convento, o nome de Soror Maria Francisca Izabel, onde observou exactamente o rigor do instituto, ocupando os lugares de Mestra, Rodeira, e Prelada por espaço de muitos annos. Falleceo piamente a 17 de Março de 1636. Traduzio da lingua Franceza do Illustrissimo Carlos Augusto de Sales Bispo, e Principe de Genebra em a Portugueza.

Vida da V. Madre Maria Amada de Blonay Religiosa da Visitação de S. Maria, Terceira Superiora do primeiro Mosteiro da mesma Ordem. Lisboa, por Miguel Manescal 1698. 4.

Vida da Madre Sor Maria de S. Jozé. Conserva-se M. S. e he escrita em bom estylo, como diz meu Irmaõ D. Jozé Barbosa *Hist. da Fundaç. do Real Conv. do S. Crucifixo.* p. 38.

D. MARIA DE GUADALUPE LANCASTRO E CARDENAS. VI. Duqueza do grande Estado, e Casa de Aveiro naceo em o Palacio della, situada no lugar de Azeitão do Patriarchado de Lisboa, em o anno de 1630. Foraõ seus claros Progenitores D. Jorge de Lancastro II. Duque de Aveiro, e I. Marquez de Torres-Novas, e D. Anna Maria Manrique de Cardenas sua Prima segunda, filha de D. Bernardino de Cardenas III. Duque de Maqueda, e de D. Luiza Manrique de Lara V. Duqueza de Naxera. Sendo segunda produção de taõ augusto conforcio mereceo pela agudeza do juizo, madureza do talento, e excellencia da fermosura, intelligencia das linguas Grega, Latina, Italiana, Franceza, Ingleza, e Castelhana a primazia. Passando com faculdade real, em 6 de Julho de 1660 para Castella acompanhada de sua Mãy, e Tio D. Antonio de Lancastro conciliou os affectos, e veneraçoes das primeiras pessoas da Corte de Madrid attrahidas da suavidade do seu genio, e subtileza do juizo que competiaõ com a coroada origem do seu nascimento. Os Ministros a consultavaõ nas materias de Estado como Oraculo seguindo sempre as suas maximas prudentes, e judiciosas. Foy versada em todo o genero de erudição sagrada, e profana, e dotada de memoria taõ feliz que recitava de cor todo o Psalterio.

terio. Por morte de seu irmão o Duque D. Raimundo sucedida a 5 de Novembro de 1666, lhe foy adjudicada a grande Casa de Aveiro por sentença proferida a 20 de Outubro de 1679, com condição de a não poder gozar sem assistir em Portugal, e posto que intentou restituirse a este Reino para estabelecer a Casa em seus filhos o não pôde executar. Cultivou com grande fervor todas as virtudes que lhe canonizaraõ a memoria na posteridade. Ao celebre Santuario de N. Senhora de Guadalupe pagava o feudo de huma larga esmola em o dia da Natividade da Senhora remetida por quatro peregrinos vestidos á sua custa. Com apostolico zelo dispendia grande copia de dinheiro para sustentação dos Missionarios da Serra Lioa, China, e Japão dezejando que toda a idolatria abjurando a sua cegueira adorassem ao Redemptor Crucificado. Era cordialmente devota do Sacratissimo Rosario, mandando repartir annualmente muitas esmolos aos pobres do Estado de Maqueda, e Villa de Torrijos, para que concorressem a rezallo interessando ao mesmo tempo os espiritos, quando utilizava os corpos. Enfermando de huma Erysipela maligna que degenerou em Gangrena manifestou a varonil constancia do seu animo não dando o menor final de sentimento na violenta operação do corte de hum pé. Recebidos os Sacramentos com summa piedade falleceo ás duas horas da tarde do Sabbatho 9 de Fevereiro de 1715, quando contava 85 annos de idade deixando admirados os circunstantes da catholica resignação, e heroica fé com que entre affectuosos colloquios repetio até o ultimo suspiro os Santissimos Nomes de JESUS, e MARIA. Foy conduzido o cadaver com magnifica comitiva ao Mosteiro de Guadalupe, onde se lhe fizeraõ sumptuosas Exequias, e no fim recitou a Oração funebre o Mestre Fr. Joaõ Logrosan. Sepultou-se debaixo do arco principal da Capella mór da prodigiosa Imagem da Senhora de Guadalupe entre a sepultura de sua Mãe, e seu irmão o Duque Dom Raimundo com esta inscripção, composta por ella que mais declara a piedade do seu animo, que o esplendor da sua origem.

Maria de Guadalupe, Lancastro, e Cardenas mandose enterrar en esto lugar debaxo

de los pies de la Imagem centro de su amor, y esperanza.

In nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies.

Desposou-se em o anno de 1665 com Dom Manoel Ponce de Leon VI. Duque da Cidade de Arcos, Conde de Baylon y de Cesares, Marquez de Zara y de Elche, Alcaide mór de Sevilha, Comendador mór de Castella, de Carriaõ, e de Calatrava a Velha, de quem teve Dom Joaquim de Guadalupe Lancastro y Cardenas Ponce de Leon, que nascendo a 22 de Julho de 1666 falleceo a 18 de Dezembro de 1728. Foy VII. Duque de Arcos, Gentil-homem da Camara de Carlos II. Contelheiro de Estado de Filippe V. e Capitaõ General do Reino de Valença. Casou duas vezes a 1. com D. Tereza Henriques irmãa de Joaõ Thomaz Henriques XI. Almirante de Castella, a qual morreo a 5 de Abril de 1716; e a 2. com D. Anna Maria Spinola de Lacerda irmãa inteira de D. Ambrosio Spinola V. Marquez de los Balbazes Embaixador extraordinario na Corte de Portugal, e Estribeiro mór da Princeza das Asturias, de quem teve numerosa descendencia: D. Gabriel de Lancastro nacido a 9 de Agosto de 1667 Duque de Banhos, e depois VIII. Duque de Aveiro, cuja grande Casa lhe foy julgada a 22 de Fevereiro de 1720, da qual tomou posse a 27 de Mayo de 1732. Falleceo em Lisboa ás 7 horas da manhã a 23 de Junho de 1745. D. Izabel Zacharias Ponce de Leon e Lancastre, que casou a 25 de Março de 1688, com Dom Antonio Martim de Toledo Beaumont Henrique de Ribera y Manrique IX. Duque de Alva, Guesca, e Galisteo, e IX. Duque de Ostorno, Leria, Salvaterra, Marquez de Villa-Nova del Rio, Alcaide mór de Carmona, Condestavel, e Chanceller mór de Navarra, Embaixador a Roma, e Pariz, onde morreo a 27 de Março de 1711. Passou a segundas vodas com Dom Francisco Gonzaga Duque de Solferino, Gentil-homem da Camara de Filippe V. com exercicio, de quem não teve successão. Compoz a Senhora D. Maria de Guadalupe

Exercicio devoto. Nelle pedia a Deos huma virtude para todos os dias da semana interpondo para alcançalla o patrocínio de todos os Santos.

Em

Em tres caixas que se abrirão depois de morta, que estavaõ collocadas debaixo da Imagem da Senhora de Guadalupe se vio em huma hum coração de prata com esta Quinilha composta por sua fervorosa piedade, e ardente devoção.

*Jesus en la Cruz clavado
Moriendo por dar-me vida
Encended mi amor elado,
Que por mi sacrificado
Solo esto dexaes que pida.*

Na segunda caixa estava hum papel, e nelle escrito esses solidos documentos dictados pelo espirito desta Heroína. *Fide Deo, diffide tibi, fac propria, castas funde preces, paucis utere, magna fuge, multa audi, dic pauca, tace abdita, disce minori parcere, maiori cedere, ferre parem, sto tui victrix, Cælum pete, sperne caduca soli discere Deo vivere, disce mori. S. C. hæc peccatorum scala est mea Maria, fiducia, & meorum hæc tota ratio spei meæ.*

Na terceira caixa sobredourada se achou outro papel, e nelle escrito com o proprio sangue da Senhora D. Maria de Guadalupe estas ardentes vozes a MARIA Santissima. *Amo, & amare volo Mariam Dominam meam tota anima, tota mente, totis viribus meis, toto corde, & ab hoc tam sancto, & pulcro amore non cessabo in æternum. Amen. Sanctissima Virgo Mater Dei consecro, offero, dico, & dedico Sanctissimæ voluntati, & servitio tuo me totam in holocaustum, in filiam, servam, & perpetuum mancipium, hoc est animam, & libertatem meam, potentias, sensus interiores, & exteriores: cor meum, corpus, vitam sanguinem meum, appetitum sensitivum, irascibilem, & concupiscibilem, passiones cum actibus suis. Dignare hoc servitutis meæ Sacrificium in odorem suavitatis per amorem Filii tui, per misericordiam, bonitatem, & benignitatem tuam per quasi infinitam maternitatem tuam. Amen, fiat, fiat, amen, amen. Quarta decima Maii 1684. Maria de Guadalupe.*

Sor MARIA DE JESUS, chamada no seculo D. Maria de Ataide, filha de Dom Nuno Manoel segundo Senhor de Atalaya, Tancos, e Sinceira, Alcaide mór de Marvão, e Embaixador extraordinario á Corte de Pariz, e de D. Joanna de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide I. Conde da Cas-

tanheira, e D. Anna de Tavora. Com tal empenho se dedicou á cultura das Sciencias que sabio em todas eminente, como foraõ Filosofia, Theologia Ecolastica, Mathematica, Arithmetica, e Musica augmentando-se esta erudição sagrada, e profana com discrição aguda, e affabilidade natural. Ornada de tantos dotes foy pertendida para Esposa dos mayores Cavalheiros, porém como aborrecesse a vida conjugal fez voto de castidade perpetua cortando os cabellos, e convertendo a sua casa em Clausura, como religiosa. Recitava com devoção o Officio Divino, e a affligia o corpo com asperas disciplinas. Não desistiraõ seus Pays de a persuadir ao estado matrimonial valendo-se humas vezes de industrias, e outras de violencias; porém armada de heroica constancia rebateo estes combates que duraraõ pelo espaço de vinte annos, até que por morte de seu Pay soube persuadir a sua Mãe que deixando o seculo se recolhesse com ella ao Serafico Convento de Santa Clara da Villa da Castanheira, fundado por seu Avò Materno. Effeituada esta resolução recebeu o habito, quando contava 50 annos de idade, onde foy exemplar da vida monastica principalmente no lugar de Abbadega, que exercitou com oito annos de professa. Acometida da ultima enfermidade se preparou para a morte com aquelles actos que praticara toda a vida, fallecendo piamente no anno de 1603. Della fazem merecida memoria Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug. Part. 4. liv. 2. cap. 14. 2. 305. e seg. e D. Anton. Caet. de Sousa Hist. Gen. da Cas. Real Portug. Tom. 2. liv. 12. p. 529. Compoz*

Discurso sobre o Cometa, que appareceo no anno de 1578 antes da infeliz jornada del-Rey D. Sebastião a Africa. O qual foy (como escreve o Padre Soledade no lugar affirma allegado) o mais douto, e aplaudido entre todos os que se fizeraõ na Corte.

MARIA DE JESUS, natural da Villa de Thomar, e professa da Ordem Terceira da Penitencia do Serafico Patriarcha. Desde os primeiros annos exercitou rigorosas penitencias, e se dedicou á contemplação buscando para principal objecto della os crueis tormentos que Christo Senhor nosso padeceo no corpo, e as angustias que no tempo

tempo de sua Paixão tyranizaraõ a alma de MARIA Santissima, e como anhelasse ser participante destas affliçoens lhe foraõ concedidas em premio do teu affecto, tolerando por todo o espaço da sua vida acerbissimas dores que a reduziraõ a estar sempre na cama das quaes recebia alivio quando comungava a Christo Sacramentado. Por celeste inspiração instituhio huma Cõfraria dedicada ás sagradas Chagas do Redemptor para remedio, e conversão dos peccadores pelos quaes applicava todas as suas obras meritorias, e para sua instrução, escreveo

Desenganos para fugir da culpa, e sollicitar a graça. M. S.

Cheya mais de virtudes do que annos partio a receber o premio eterno a 22 de Julho de 1642. Compoz por preceito de seu Director espiritual Fr. Dionyzio de S. Boaventura.

Progressos da sua vida. M. S. Conserva-se na Livraria do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa.

Sor MARIA IGNACIA DA VISITACAM, natural da Cidade de Elvas em a Provincia Transtagana, e bautisada na Parochia de Alcaçova no anno de 1690. Teve por Pays a Joaõ de Lucena de Carvalho, e Izabel Maria de Menezes igualmente nobres, e opulentos. Recebeo o habito Serafico no Convento de Santa Clara da sua patria a 24 de Março de 1705, onde servio com geral aceitação todos os officios da Comunidade. Sendo actualmentemente Escrivãa deu á luz

Clara Illustrada em nove Epithetos da vida da mais esclarecida luz de Affis, Primegenita de S. Francisco Fundadora da sua sagrada Ordem para o exercicio da sua Novena. Lisboa por Pedro Ferreira, Impressor da Rainha nossa Senhora 1739. 12.

No Hymno posto em metro manifesta que sua Authora naõ ignora os preceitos da Poezia.

Sor MARIA MAGDALENA, natural de Lisboa, filha de Manoel de Andrade, e Brites Freire taõ illustres como opulentos. Professou o instituto de Santa Clara em o reformado Convento da Madre de Deos situado fóra dos muros de Lisboa

Tom. III.

no anno de 1583, onde praticou com exaçaõ as virtudes proprias do estado religioso até que falleceo a 18 de Novembro de 1637 com saudade das suas companheiras. Para testemunhar o ardente affecto, e cordial devoçaõ com que amava ao Evangelista S. Joaõ escreveo com bom estylo, e varia erudiçaõ, e dedicou a Jeronymo de Mello Coutinho.

Historia, Prerogativas, e louvores do glorioso S. Joaõ Evangelista tirada de varios Authores. Lisboa por Antonio Alvares. 1628. 8. Da Authora, e da obra faz memoria o *Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 264.

Sor MARIA MAGDALENA, chamada no seculo D. Maria Telles de Menezes natural de Lisboa, e filha de Manoel Telles de Menezes Senhor de Unhaõ que acabou a vida na infeliz jornada de Africa, e D. Violante de Noronha Dama da Rainha D. Catharina, filha de Antonio Gonçalves da Camara Monteiro mór del-Rey D. Sebastiaõ, e de D. Maria de Noronha. Contava a tenra idade de dous annos, quando em o de 1578 partio seu Pay para Africa, e sua Mãy dezafete, e como habitassem na Villa de Santarem rogava esta com repetidas supplicas em a Igreja do Santo Milagre a huma Imagem de MARIA Santissima protegesse o exercito que D. Sebastiaõ conduzia, quando em huma occasiaõ vio banhado o rosto da Senhora de lagrimas, que ella interpretou por funesto indicio da morte de seu marido, e para tolerar com mayor esforço taõ penetrante golpe se recolheo com sua filha no religioso Convento da Esperança de Lisboa no anno de 1581. Passado algum tempo como fosse procurada D. Maria para Conforte dos principaes Titulares de Portugal, nunca quiz condescender com o gosto de sua Mãy antes a persuadio, que dedicasse a Deos o que possuia, fundando o Mosteiro do Calvario em Lisboa, cuja empreza, vencidas muitas difficuldades, felizmente conseguiu. Naõ quiz o heroico espirito de Dona Maria ser sõmente Fundadora no material desta Casa, mas ser huma das principaes bazes do edificio espiritual, recebendo o habito de Santa Clara a 29 de Novembro de 1618, onde com o nome de Maria Magdalena se fez exemplar das mais

Hhh

Re.

Religiosas chegando a ser Prelada dellas. Falleceo piamente a 31 de Janeiro de 1648 com 72 annos de idade, e 40 de Religiaõ escreveo

Memoria da Fundaçãõ, e progressos do Mosteiro do Calvario de Lisboa. fol. M. S. Conserva-se no mesmo Convento.

Fazem larga memoria desta illustre Religiosa Fr. Fernand. da Soled. *Hist. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 34. e seg. e D. Luiz de Salaz. e Castro *Hist. Gen. da Caf. de Sylva.* liv. 9. cap. 4.

Sor MARIA MAGDALENA DE JESUS, irmãa dos Condes da Ericeira D. Fernando, e D. Luiz de Menezes, chamada no seculo D. Maria de Castro naceo em Lisboa a 7 de Setembro de 1618 para immortal gloria de seus esclarecidos Progenitores D. Henrique de Menezes IV. Senhor da Casa de Lourical, Comendador de S. Christina de Serzedelo na Ordem de Christo, e D. Margarida de Lima, filha de Joaõ Gonçalves de Attaide IV. Conde de Attougua, e de D. Maria de Castro. Ornada de entendimento perspicaz, com que comprehendeo as Artes liberaes, e de rara fermosura com que dominava os coraçõens, foy admitida a Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ; porém movida de celestial impulso preferio os rigores do Claustro do Convento da Madre de Deos situado fóra dos muros de Lisboa ás delicias do Paço, para onde occultamente se retirou no anno de 1642, quando contava 24 annos de idade, de cuja heroica resoluçãõ fez participante por huma carta a sua Mãy. Neste sagrado domicilio praticou taes virtudes que foraõ remuneradas com celestiaes favores. Nos lugares de Mestre de Noviças, Vigaria, e Abbadessa em que tres vezes foy eleita, experimentaraõ as subditas amor maternal. Falleceo a 18 de Março de 1701 com 84 annos de idade, e 59 de Religiaõ. Do seu nome fazem honorifica memoria o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 764. no *Comment.* de 20. de Junho letr. G. Godinho *Vid. do V. Fr. Ant. das Chag.* liv. 2. cap. 14. *Franc. de S. Maria Diar. Portug.* p. 332. *Froes Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 223. *Fr. Joan. a D. Ant. Bib. Franc.* Tom. 2. p. 326. col. 1. e *Fr. Jeron. de Belem Chron.*

da Prov. dos Algarv. Introd. p. 264. Compoz com igual erudiçãõ, que piedade.

Comentarios Mysticos, sobre os Psalmos de David, e Canticos de Salamaõ. M. S.

Solliloquios amorosos para antes, e depois da Communhaõ. 4. M. S.

Vidas de algumas Religiosas insignes em virtude, que floreceraõ no Convento da Madre de Deos. 4. 2. Tom. Esta obra foy escrita por ordem do Geral.

Cartas Familiares, e espirituas aos Condes da Ericeira seus irmãos, e a seu sobrinho o Conde D. Francisco Xavier de Menezes. 4. 2. Tom.

Cartas espirituas. 4.

Meditaçõens sobres as Antifonas que principiaõ por O precedentes ao Nascimento de Christo Senhor nosso.

Preparaçãõ para se receber o Santissimo Sacramento em dia da Expectaçãõ de nossa Senhora.

A mayor parte destas obras estaõ promptas para a impressãõ, e muitas dellas se conservaõ na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez do Lourical.

Carta escrita a 17 de Fevereiro de 1642, em que se despede de sua Mãy, quando se retirou para o Convento. Existe na Livraria do Excellentissimo Duque de Lafoens, que foy do Eminentissimo Cardeal de Sousa.

Vida de Fr. Christovaõ da Trindade Franciscano, Confessor das Religiosas do Convento da Madre de Deos. Desta obra, como produçãõ da sua penna faz mençãõ Jorge Cardoso no lugar acima allegado.

Sor MARIA MAGDALENA DE S. PEDRO. Naceo em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1658, sendo filha de Thomaz Bastoque natural da Cidade de Bristol em o Reino de Inglaterra, e de Maria Constan filha de Guilherme Constan, e de sua mulher Eufemia Ferreira. Na florente idade de 17 annos abraçou com madura resoluçãõ o sagrado instituto da insigne Patriarcha Santa Brigida em o Convento de N. S. da Conceiçãõ de Marvilla, situado em o suburbio de Lisboa a 28 de Abril de 1675, e sendo das primeiras plantas deste mystico Jardim, frutificou com tal excesso em todo o genero de virtudes, que mereceo a pezar da sua profunda humildade exercitar

exercitar o lugar de Abbadessa por tres vezes. Cumulada de obras meritorias recebeu o premio dellas, fallecendo com summa piedade a 22 de Fevereiro de 1747. Compuz

Noticias fielmente tratadas dos custosos meynos por onde veyo a este Reino de Portugal a Religião Brigítana, que se intitula a Ordem de S. Salvador, e da prodigiosa fundação, e milagrosos augmentos deste Convento de N. S. da Conceição de Marvilla, a qual teve o seu principio a 18 de Março de 1660. Lisboa, por Miguel Maniscal da Costa, Impressor do Santo Officio. 1745. 4.

Sor MARIA MAGDALENA DO SEPULCHRO, natural de Lisboa, e filha de Antonio do Quental e Sá, e Dona Maria de Andrade, Religiosa Capucha no Convento do Santo Crucifixo da sua patria, cujo austero habito vestio a 22 de Novembro de 1682. Foy Mestra das Noviças as quaes mais instruhio com o exemplo, que com a voz, e depois Abbadessa duas vezes, em cujo lugar mostrou a prudencia do seu juizo. Foy huma das Fundadoras do Convento da Conceição, que no sitio da Luz edificou a generosa piedade de Nuno Barreto Fufeiro. Falleceo neste Convento com eterna saudade das novas plantas que cultivara o seu espirito a 24 de Fevereiro de 1719. Com a humilde antonomasia de Escrava de toda a ordem dos Menores publicou

Ramilhete de flores espirituaes, escolhidas do Jardim Serafico, da doutrina de varios Padres Capuchinhos para uso das amadas Noviças, e professoras da primeira Regra de nossa Madre S. Clara. Lisboa, por Bernardo da Costa 1700. 16. Com o titulo de Anonyma traduzio da lingua Francaza do P. Nififlor Capuchinho de Pariz em a materna.

Ritual das Religiosas Capuchinhas chamadas filhas da Paixão da primeira Regra de Santa Clara. Primeira, e segunda Parte. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1705. 4.

Della faz memoria mais extensa meu irmão D. Jozé Barbosa na *Hist. da Fund. do Real Conv. do S. Crucifixo.* p. 351.

Sor MARIA MAGDALENA DA VERA-CRUZ, Religiosa da Ordem de Santa Clara, e huma das Fundadoras dos Mosteiros de Santa Clara de Manilla, e de Macáo, onde falleceo com opiniaõ de santidade. Escreveo em o anno de 1640.

Floresta Franciscana. 3. Tomos. O original se conserva no Convento de Macáo, e huma copia delles remeteo a Sua Magestade o Vice-Rey do Estado da India Joaõ de Saldanha da Gama.

Sor MARIA MESQUITA PIMENTEL, natural da Villa de Estremoz da Provincia Translagana, e filha de Joaõ Pimentel da Sylva descendente de nobre geraçaõ que se elevou a mayor grandeza com a produçaõ desta Heroína, que desposando-se com o divino Cordeiro em o Convento Cisterciense de S. Bento de Castris situado fóra dos muros da Cidade de Evora, e naõ de Cellaõ do Bispado de Coimbra como escreveraõ Nicolao Antonio, e Jorge Cardoso. Foy exemplar de virtudes monasticas assim no estado de subdita, como de Prelada. No fim das horas Canonicas assistia no Coro em Oraçaõ ouvindo mentalmente os documentos com que seu divino Esposo a instrua para fazer mayores progressos na vida espiritual. Liquidava o coraçãõ pelos olhos todas as vezes que ouvia fallar da Paixãõ do Redemptor, a cujo sangue copiosamente derramado pelos homens correspondia com larga corrente de lagrimas. Como se tivera frequentado as aulas discorria profundamente em materias altissimas mostrando, que as aprendera na mesma escola em que foy discipulo o Mestre das Gentes. Recitava todos os dias o Psalterio para alivio das Almas do Purgatorio. Taõ severa se mostrava com siigo, como benevola com as domesticas. Cumulada de tantos merecimentos passou a ser coroada no Imperio, em o 1 de Novembro de 1661, quando contava 80 annos de idade, deixando muito saudosas as suas companheiras, principalmente sua irmãa Escolastica da Sylva e Lemos, que com ella competia no exercicio das virtudes. Fazem mençaõ da sua pessoa Nic. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 71. col. 1. Cardoso. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 442. col. 1. no Coment. de 18. de Mayo

letr. E. Fr. Bernardo de Brito *Chron. de Cist.* liv. 6. cap. 34. *Fonseca. Evor. Glor.* p. 385. e 415. *Thear. Heroic.* Tom. 2. pag. 276. *Compoz*

Infancia de Christo, e Triunfo do divino Amor. 1. Parte. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1638. 8. He composto em 8. rima, e consta de 10 Cantos com seus argumentos onde se conhece a vasta noticia de letras divinas, e humanas em que era versada a Authora.

A 2. Part. Consta da Vida, e milagres de Christo.

A 3. Part. consta da Paixão do Redemptor.

Conserva-se ambas no Real Convento de Alcobaca.

O P. Antonio dos Reys *Enth. Poet.* n. 278 louva esta obra, e sua Authora com estas expressões metricas.

Illa Pimenteliae Gentis nova gloria, Pindo Nomen in excelso magnum viridantia florū Serta gerens niveo pulsabat pectine chor-

das, Infantique parās meliora crepundia Verbo Omnia facta tener quæ Tu, bone Christe, puellus

Gessisti conscripta libro tibi donat: Amoris Divinique canit tenebroso ex hoste triumphos.

Sor MARIA MICHAELA DOS ANJOS, natural de Lisboa, chamada no seculo D. Maria de Brito e Noronha, filha de D. Francisco de Azevedo e Ataide, e D. Maria de Brito e Noronha. Antepondo com heroico desprezo os rigores do Claustro ás delicias da casa paterna entrou em idade muito tenra no reformado Convento da Madre de Deos da primeira regra de Santa Clara a 27 de Abril de 1679, e chegando aos annos competentes para a profissão deste austero instituto a fez a 24 de Março de 1697. Foy Abbadessa muito explar, e falleceo cumulada de virtudes a 18 de Junho de 1733.

Escreveo

Vida da Madre Maria Magdalena de JESUS, da qual affirma se fez menção. M. S. Conserva-se no Cartorio do dito Convento. Da Authora, e da obra se lembraõ Fr. Joan. á D. Ant. *Bib. Francisc.* Tom. 2. pag. 327. col. 1. e Fr. Jeronymo de Bellem

Chron. Seraf. da Prov. dos Algarv. Introd. pag. 264.

Sor MARIA MICHAELA DO SACRAMENTO, chamada no seculo D. Michaela da Sylveira, naceo em Lisboa sendo filha natural de D. Miguel da Sylveira, Tenente General da Cavallaria, e Neta de D. Rodrigo Lobo da Sylveira I. Conde de Sarzedas Governador, e Capitão General de Tangere, Presidente do Senado de Lisboa, Conselheiro de Estado, e Vice-Rey da India, e de D. Ignez Luiza dos Serafins. Quando contava nove annos de idade, e muitos de prudencia se recolheo ao austero Claustro do Convento do Santo Crucifixo da sua patria, deixando com generoso desprezo o mundo antes de o conhecer, e chegando á idade capaz de professar fez a solemne profissão a 25 de Junho de 1683, onde foy observantissima cultora do seu instituto. Foy Mestre de Noviças, e seis annos Abbadessa sem interrupção. Passou de caduca a eterna em 22 de Abril de 1747. Com o nome de Indigna publicou traduzidos da lingua Franceza do P. Fr. Jeronymo de Sens Lente de Theologia, e Capuchinho de Pariz em a materna.

Exercicios espirituas muito uteis ás Religiosas para se entreterem no discurso dos dias em que se retiraõ á Soledade. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1698. 8. Della faz larga menção D. Jozé Barbosa. *Hist. da Fund. do Real Conv. do S. Crucifixo.* p. 430.

Sor MARIA PERPETUA DA LUZ: Naceo na Cidade de Béja da Provincia Translagana a 14 de Julho de 1684, sendo filha de Manoel da Costa Diniz, e Leonor de Jesus. Desde os primeiros annos a prevenio a graça para exacta cultora das virtudes mais heroicas das quaes elegeo por theatro o Convento patrio da Esperança de Carmelitas Calçadas, recebendo o habito a 22 de Outubro de 1704, quando contava 20 annos de idade. Os progressos que o seu espirito fez em todo o genero de acções virtuosas não são faceis de relatar, como tambem os especiaes favores que recebeu de seu divino Esposo, e de MARIA Santissima, e de diversos Santos que venerava com particular culto. Vaticinou successos

cessos futuros, serenou consciencias escrupulosas, e curou enfermidades rebeldes que lhe canonizaraõ o nome em vida, e muito mais depois da morte sucedida a 26 de Agosto de 1736, quando contava 52 annos hum mez e 12 dias de idade. A sua vida escreveu com elegante estylo o R. P. Doutor Fr. Jozé Pereira de Santa Anna, que publicou no anno de 1742, onde diffusamente narra as acçoens desta grande Serva de Deos. Por ordem dos seus Confessores os Mestres Fr. Joaõ de Sousa, e Fr. Jozé de Aguiar escreveu a sua vida em sessenta cadernos que encadernados em dous volumes se guardao com a merecida estimaçãõ no Archivo do Real Convento do Carmo de Lisboa. Delles publicou o P. Doutor Fr. Jozé Pereira na Vida que desta Serva de Deos escreveu desde pag. 252. até 351.

Obra Ascetica, e moral extrahida dos verdadeiros escritos, que existem da propria letra da virtuosa Madre Maria Perpetua da Luz Carmelita Calçada. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1742. fol.

Sor MARIA DA PRESENTAÇAM, natural da Cidade de Faro em o Reino do Algarve, e Religiosa do Serafico Convento de Ara Cæli situado em a Villa de Alcacer do Sal, onde foy Mestra da Ordem, Vigaria do Coro, e Escrivãa do Convento. Por ser muito devota das Almas do Purgatorio instituhio huma Irmandade que hoje se acha muito augmentada para alivio das penas que padecem. Falleceo com evidentes sinais de Predistinaõ junto do anno de 1654. Escreveo

Noticias das Religiosas, que lhe precederãõ em o Convento onde viveo, e morreo, e das que professaraõ depois de ser já professa. M. S. 4.

Sor MARIA DO PREZEPIO, naceo em Lisboa, onde foraõ seus Progenitores Henrique da Sylveira, e D. Isabel Pereira, descendentes das Illustrißimas Casas dos Condes de Sortelha, e da Feira, das quaes era parenta muito propinqua. Recebeo o habito Serafico no Convento de Santa Clara de Santarem, cujo instituto observou com tanta exaçãõ, que foy eleita para Fundadora, e mestra dos estylos Monasticos que haviaõ de praticar no Convento de Santa

Martha de Lisboa, onde entrou a 5 de Novembro de 1583 entregando á sua vigilancia o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida o governo daquella Religiosa Casa, sendo a primeira Abbadessa pelo espaço de quatro annos, e o seria por muitos mais se a morte intempestivamente a naõ arrebatara a 27 de Novembro de 1587, deixando excessivamente magoadas as suas subditas da sua grande affabilidade, e maduro talento. De tal fermosura se revestio o seu rosto depois de defunta, que obrigou a hum Ecclesiastico a reformar a vida que era muito diferente do seu estado. Fazem honorifica memoria do seu nome o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. no Coment. de 25 de Fever. letr. G. e mais difuzamente Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 2. §. 266. e seg. Escreveo

Constituiçoens, e Regras ordenadas pela Madre Sor Maria do Prezepio Fundadora, e primeira Abbadessa do Mosteiro de Santa Martha de Jesu no anno de 1583. Lisboa. 1591. 4. Foraõ impressas por ordem, e mandado da Madre Sor Maria da Encarnaçãõ, segunda Abbadessa do dito Convento.

Sor MARIA DO PREZEPIO, semelhante em o nome, e na Profissãõ Religiosa á precedente, a qual fez solemnemente no Real Convento de Santa Clara de Lisboa, onde observando com particular attençaõ as acçoens de sua companheira a V. Madre Filippa da Cruz, que falleceo a 11 de Fevereiro de 1587, para que naõ caducaßem na posteridade escreveu com estylo claro, e sincero.

Vida da Veneravel Madre Filippa da Cruz, Religiosa no Convento de Santa Clara de Lisboa. Desta obra, como da Authora fazem mençaõ o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 413. no Coment. de 11 de Fevereiro letr. F. e o P. Fr. Manoel da Esperança *Histor. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 7. cap. 11.

Sor MARIA DO PREZEPIO, Religiosa professa no Serafico Mosteiro de N. Senhora dos Poderes de Via-Longa do Patriarchado de Lisboa. Foy muito compasiva para com a pobreza privando-se do vestido, e alimento para socorro dos necessitados.

tados. Falleceo com evidentes sinaes de predestinada no anno de 1663. Della faz menção Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 1. cap. 24. Escreveo

Compendio da Vida, e morte das Madres Dorothea dos Anjos, Angela de Jesus, e Filippa dos Anjos, professas em o mesmo Convento. 4. M. S.

Sor MARIA DA RESURREIÇAM natural da Cidade de Goa Cabeça do Imperio Asiatico Portuguez, e filha de Manoel Pereira, e Filippa Lopes. Recebeo o habito de Santo Agostinho no reformado Convento de Santa Monica da sua patria, onde por sua religiosa modestia, e observancia regular exercitou duas vezes o lugar de Prioreza. Depois da sua morte succedida a 9 de Dezembro de 1658 se achou hum volume, em que estavaõ escritas pela sua mão as açoens da sua vida, como affirma o P. Fr. Joaõ de S. Pedro *Theatr. Heroïn.* Part. 2. p. 253.

Sor MARIA DA RESURREIÇAM. Professou o instituto Serafico em o Mosteiro de S. Vicente da Beira Comarca de Castello-Branco, onde observando as virtuosas açoens da sua companheira a Veneravel Madre Maria da Assumpção, escreveo

Memoria da Veneravel Madre Maria da Assumpção. M. S.

Da Authora, e da obra faz menção Fr. Fernando da Soledade *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 1. cap. 35.

Sor MARIA DO SACRAMENTO, não menos illustre no sangue por ser descendente dos Condes de Villa-Franca, que por sua discrição, e benevolencia religiosa praticada no reformadissimo Convento da Madre de Deos da primeira Regra de S. Clara, situado fóra dos muros de Lisboa onde professou a 8 de Setembro de 1623. Falleceo piamente a 26 de Janeiro de 1679 Escreveo

Noticias da Fundação do Convento da Madre de Deos de Lisboa, e de algumas cousas, que se puderão descobrir com certeza das Vidas, e mortes de muitas Religiosas Santas, que houve nelle continuadas até o anno de 1652. 4. M. S.

Está escrito em Dialogo, e nunca sahio da Clausura pela grande humildade da Authora, que della, como da obra faz menção, Fr. Jeronymo de Bellem *Chron. Seraf. da Prov. dos Algarv.* Introd. p. 275.

Sor MARIA DO SALVADOR, Religiosa Professa em o Serafico Convento do Espirito Santo da Villa de Torres-Novas do Patriarchado de Lisboa. Com diligente applicação compoz

Memorias do Mosteiro do Espirito Santo de Torres-Novas. 4. M. S. Da Authora, e da obra faz brevissima memoria Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 4. cap. 1. n. 759.

Sor MARIA TEREZA DE S. JOZE, natural de Lisboa. Na tenra idade de doze annos dedicou a sua virgindade ao divino Cordeiro em o Convento reformado da Madre de Deos, situado fóra dos muros de Lisboa a 6 de Março de 1684, e quando chegou o tempo competente de professar o instituto Serafico se ligou com os tres votos para se unir com estes vinculos ao seu divino Esposo. Pela grande capacidade de juizo, lição dos livros, e exercicio das virtudes escreveo

Praticas espirituaes entre as Religiosas nas Festas, e Oitavas do Natal em forma de Dialogo, com o titulo de Fogueiras. Escritas nos annos de 1723, 1724, e 1725. 3. Tom. 4. M. S. He obra muito mystica, e singular, e como tal a mandou copiar o Serenissimo Rey D. Joaõ V. e se conserva na sua Real Bibliotheca.

O P. Fr. Jeronymo de Bellem Chronista da Provincia dos Algarves, na Chronica, que modernamente publicou desta Provincia na Introd. p. 275, fallando desta Religiosa, a faz Authora das *Cartas Directivas, e doutrinaes*, que se publicaraõ com o nome suposto do P. Manoel Velho, as quaes certamente não são suas, mas do P. M. Fr. Manoel Guilherme da Ordem dos Prégadores bem conhecido nesta Corte, como escrevemos em seu lugar; o qual com este nome de Manoel Velho quiz ocultar o proprio, como fez no *Socorro de Moribundos*, e na *Cartilha nova*, impresso o primeiro em Lisboa no anno de 1730, e o segundo no anno de 1735. sahindo ambas estas obras com

com o mesmo affectado nome de Manoel Velho, além de que pelo estylo se conhecem certamente serem as *Cartas* produção da sua penna, e não da Madre Maria Teresa de S. Jozé.

Sor MARIA DA TRINDADE, natural de Lisboa, e filha de D. Manoel de Menezes General da Armada Real, e Cosmografo mór do Reino, e de sua primeira mulher D. Luiza de Moura. Professou o instituto Serafico em o Convento de N. S. dos Martyres do lugar de Sacavem termo de Lisboa, onde pela sua prudencia, e affabilidade foy Abbadessa. Tolerou com heroica constancia a ultima enfermidade que além de ser muito dilatada se reduzio a estado que lhe cortaraõ a carne pelas costas até que expirou a 29 de Novembro de 1678. Querendo eternizar a memoria de algumas suas companheiras, que se distinguiãõ em virrude escreveu

Vida da Veneravel Sor Catherina da Columna, e de outras Religiosas insignes em Santidade. M. S. Da Authora, como da obra faz memoria o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 309. no Coment. de 25 de Março letr. I.

MARIANA DE ABREU, natural da Villa de Abrantes do Bispado da Guarda, cuja comprehensãõ se anticipou cõ tal excessõ que não excedendo a idade de 18 annos em que morreo, sabia com perfeiçãõ a lingua Latina, Filosofia, e Musica. Para eternos monumentos de sua anticipada sabedoria deixou escrito

Cathalogo de Varoens insignes em Armas até o tempo de D. Joã de Castro.

Filosofia Moral.

Rhethorica Moderna.

Destas obras, como de sua Authora faz memoria o *Theatr. Heroic.* Tom. 2. p. 282.

D. MARIA DA COSTA CABREIRA DE MENDOÇA, natural de Coimbra, filha de Luiz da Costa Cabreira de Mendoça, Fidalgo da Casa Real, e Dona Anna Gomes da Cunha, filha herdeira de Manoel Gomes da Cunha, Fidalgo Cavalleiro, e Comendador da Ordem de Christo, e de Angela Figueira de Lacerde. Foy casada com o Doutor Antonio Pereira da

da Cunha Cardote Collegial do Collegio de S. Pedro, e celebre Lente de Direito Civil em a Universidade de Coimbra de quem teve a Luiz Pereira da Cunha Cardote Fidalgo Cavalleiro, e professo na Ordem militar de Christo. Teve bastante instrução da Historia sagrada, e cordial affecto a Maria Santissima, o qual eternizou na obra seguinte.

Novena para todas as Festas de N. S. M. S. Conservaõ-se em poder de Fr. Bautista da Assumpção Monge Benedictino Neto da Authora.

Sor MARIA DO ESPIRITO SANTO, Religiosa professa no Serafico Convento de Santa Clara da Villa da Praya em a Ilha Terceira, a qual com observaçãõ curiosa escreveu

Vida da Veneravel Madre Izabel de S. Francisco Religiosa no Convento da Villa da Praya. Affinada em 11 de Agosto de 1660 pela mãõ da Authora a participou o Licenciado Manoel Serraõ de Novaes Vigario da Igreja das Lapas na Ilha Terceira, ao Licenciado Jorge Cardoso, como escreve no *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 614. no Coment. de 9 de Junho letr. H.

D. MARIANA DE LUNA, natural da Cidade de Coimbra, e filha de hum Lente da Universidade da sua patria. Foy muito inclinada á Poesia, em que o seu engenho alcançou grandes aplausos pela subtilidade dos conceitos, cadencia das vozes, e novidade de idéas. A' elevaçãõ do seu entusiasmo lhe dedicou o seguinte Elogio metrico a insigne Violante do Ceo a p. 14. das suas *Rimas.*

*Musas, que no jardim do Rey do dia
Soltando a doce voz prendeis o vento,
Deidades, que admirando o pensamento
As flores augmentaes, que Apollo cria:
Deixay, deixay do Sol a companhia,
Que fazendo envejoso o Firmamento
Hũa Lua, que he Sol, e que he portento
Hum jardim nos fabrica de armonia.
E porque não cuideis, que tal ventura
Põde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura;
Sabey que acreditando a divindade
Este jardim sonoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.*

De

De muitas Poemas que compoz a diversos assumptos publicou a seguinte em que expressou o affecto com que aplaudia a Aclamação del Rey D. João IV.

Ramilhete de varias flores á felicidade deste Reino de Portugal em a sua milagrosa restauração pela Magestade del Rey D. João IV. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa. 1641. 4.

Della fazem illustre menção Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter. lit. M. n. 5.* e o Author do *Theatr. Heroic. Tom. 2. pag. 276.*

MARIO DONATI, filho de Felix Donati nobre patricio Romano, e de D. Leonor Nunes natural de Coimbra, e por esta causa admitido á Bibliotheca Lusitana. Naceo em Roma, onde casou, e falleceo em idade florente no anno de 1670. Era muito applicado á lição dos livros, de grande engenho, e capacidade, como mostrou em varias composições. Polio, e ampliou a narração da vida, e morte do V. Fr. Francisco Donati da illustissima Ordem dos Prégadores seu Tio paterno, e se publicou com este titulo

Breve racconto della Vita, Missioni, e morte gloriosa del V. P. M. Fr. Francesco Donati del Ordine Predicatori descrito de Monsignor Sebastiani, Fr. Giuseppe di Santa Maria Vescovo de Bisignano. Roma, por Filippo Maria Mancini. 1669. 4.

Sor **MARTHA MAGDALENA DO CALVARIO**, chamada no seculo Dona Martha Caetana, natural de Lisboa, e filha do Desembargador Pedro de Almeida do Amaral Juiz da Coroa, e de D. Margarida de Oliveira. Na primavera dos annos despresou a vaidade mundana professando o austero instituto da primeira regra de Santa Clara, em o Convento do Santo Crucifixo desta Corte a 21 de Novembro de 1721, onde exercita as obrigações de perfeita religiosa. Para que as suas companheiras não ignorem os preceitos da Regra que professão, publicou

A primeira Regra das Religiosas de S. Clara que lhe foy dada por Nosso Padre S. Francisco, confirmada pelo S. P. Innocencio IV. Lisboa, por Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentissimo Senhor Patriarcha. 1743. 24.

Traduzio do idioma Castelhana de Fr. Leandro de Murcia religioso Capuchinho em a lingua materna sem declarar o seu nome

Breve, e clara disposição da primeira regra da gloriosa Santa Clara, confirmada pelo Papa Innocencio IV. de feliz memoria, a qual guardaõ as Madres descalsas, e Capuchinhas, que por outro nome se chamaõ as Senhoras pobres da Ordem de S. Clara, em que se trataõ, e resolvem muitas difficuldades que pertencem ao estado das Religiosas de todas as Ordens particularmente aos tres votos essenciaes, e ao de clausura, recepção, e profissão na Religião, jejum, Officio Divino, eleiçoes, e poder das Preladas. Acrecentada com huma Constituição do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, e huma declaração, de que as Religiosas do Convento do Santo Crucifixo de Lisboa são Capuchinhas da ultima reformação. Lisboa pelo dito Impressor 1744. 4.

MARTIM AFFONSO DE MELLO, que floreceo no Reinado de D. Fernando foy filho de Affonso Mendes de Mello, e de Ignez Vasques da Cunha filha de Vasco Lourenço da Cunha. Foy muito instruido na lição da Historia, e Poesia em que deixou manifestos monumentos da sua applicação. Duas vezes foy casado; a 1. com D. Ignez Pires, filha de Pedro Affonso de Arganil de quem não teve successão. A 2. com D. Marinha Vasques, filha de Estevo Soares de Albergaria de Payo delgado, da qual naceraõ Martim Affonso de Mello: Estevo Soares de Mello: Vasco Martins de Mello progenitor da Casa de Atalaya: D. Joanna Martins de Mello, segunda mulher de Gonçalo Martins da Fonseca, e tres filhas Religiosas. Escreveo

Historia das cousas do seu tempo. Della faz menção o Chronista mór Ruy de Pina, *Chron. de D. Fernando. cap. 4.*

Poesias. Sahiraõ no *Cancioneiro* de Garcia de Resende. Lisboa por Herman de Campos 1516. fol. 176. vers. 177. e 180.

MARTIM AFFONSO DE MELLO, natural de Evora, Senhor do Morgado da Arega, e Barbacena, Guarda mór del Rey, Alcaide mór de Evora, Olivença, Campo-Mayor, Castello de Vide, e Sever, filho segundo de Vasco Martins de Mello, Senhor da

da Castanheira, Povos, e Chileiros, Alcaide mór de Evora. Santarem, e Castello de Vide, e de D. Maria Affonso de Brito sua segunda mulher, filha de Joaõ Affonso de Brito. Ao valor do seu braço deveo grande parte das suas felicidades El Rey D. Joaõ I. sendo glorioso instrumento da victoria da Aljubarrota, da tomada de Campo-Mayor no anno de 1388 aos Castelhanos, de cujo Castello, foy eleito Alcaide mór, e da derrota do Commendador mór de Leaõ quando vinha focorrer Alcantara cercada pelo nosso Principe. Assistio na Conquista de Ceuta, onde obrou taõ heroicas acçoens, que El Rey o quiz deixar por Fronteiro que generosamente regeitou. Naõ teve desigual talento para as negociaçoens politicas, que para as emprezas militares, sendo mandado Plenipotenciario a Castella para celebrar as pazes em nome do seu Soberano, com a Rainha D. Catherina Viuva del Rey D. Henrique, e o Infante D. Fernando como Tutor de seu sobrinho Dom Henrique. Foy casado com D. Brites Pimentel, filha de Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Vinhaes, e Bragança, de quem teve a Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Valença Guarda mór del Rey D. Duarte. Como taõ pratico na arte militar, escreveo

Da guerra, na qual se contem muitas, e boas insinças, e avisamentos para todos que tiverem fortaleza, ou algum lugar cercado em Fronteiras de inimigos. Consta de 100. Capítulos. Dirigido a Fernaõ Lopes Chronista del Rey, onde se desculpa de fahir taõ tarde com esta obra, da qual faz mençaõ Gomes Eanes de Zurara, Part. 3. da Chron. del Rey D. Joaõ I. cap. 99. Duarte Nunes de Leaõ Chron. del Rey D. Joaõ I. fol. 370. col. 1. Nicol. Anton. Bib. Hisp. Vet. lib. 9. cap. 7. §. 332. Fonseca Evor. Glor. p. 413.

Regimento da Guerra. Consta de trinta Capítulos. Sahio impresso no Tom. 3. das Provas da Hist. Geneal. da Cas. Real Portug. composta pelo P. D. Antonio Caetano de Sousa. Lisboa na Officina Real Sylvia-na 1744. a pag. 252.

D. MARTIM AFFONSO DE MELLO. Naceo em a Villa de Serpa da Provincia Translagana, e na Igreja Matriz re-
Tom. III.

cebeo o bautismo a 23 de Abril de 1612. Foraõ seus Progenitores Francisco de Mello Senhor de Ficalho, e D. Catherina de Castro, filha de D. Rodrigo Manoel Comendador de S. Pedro de Gouvea, e de sua segunda mulher D. Filippa de Castro. Estudou Direito Pontificio em a Universidade de Coimbra, em cuja Faculdade recebeu as insignias doutoraes, e foy admitido a Collegial do Real Collegio de S. Paulo a 30 de Outubro de 1635. Sendo substituto de diversas Cadeiras dictou estas Postillas *Non injusta 14 de Procuratoribus. Ad cap. de Constitutionibus. e ao Cap. fin. de Arbitris.* Em premio da sua litteratura possuiu varios lugares Ecclesiasticos, que se nobilitaraõ com a sua pessoa, como foraõ Conego Doutral da Sé do Algarve, Provisor do Crato, Deputado do Santo Officio de Coimbra, Desembargador da Casa da Supplicação, e dos Aggravos, Deputado da Mesa da Consciencia, e da Bulla da Cruzada. Foy executor do Breve de Clemente X. sobre a nullidade do matrimonio del Rey D. Affonso VI. com a Rainha Dona Maria Francisca Izabel de Saboya proferindo com outros Juizes sentença a 18 de Fevereiro de 1669. Naõ se effectuando na sua pessoa a nomeação do Bispado de Miranda obteve o Deado de Evora, até que foy provido em Bispo da Guarda, de que tomou posse a 26 de Novembro de 1672. Assistio nas Cortes convocadas em Lisboa no anno de 1674, para ser jurada sucessora do Reino a Princeza D. Izabel. Foy nomeado Secretario da Junta dos Prelados instituida contra as calumnias dos Sequazes da Sinagoga, com que se atreviaõ a desacreditar a incorrupta rectidão dos Ministros do Santo Officio, escrevendo nesta materia as doutissimas instruçoens que levarão a Roma Jeronymo Soares (depois Bispo de Viseu) e Gonçalo Borges Pinto, ambos Deputados da Inquisição. Restituído á sua Diocese celebrou Synodo, e no anno de 1681 por Provisão Real reformou o Collegio Real, onde fora Collegial. Cheyo mais de merecimentos que annos, pois naõ passavaõ de 72 falleceo piamente na Cidade da Guarda em o 1 de Agosto de 1684. Foy muito zeloso da pureza da Fé, por cuja causa tinha fatal averção aos Christãos novos. Dispendia com maõ generosa, e co-
ração

ração compassivo grande numero de esmolas, chegando a tal excesso a sua caridade, que no anno chamado *Caro* repartio vinte mil cruzados aos pobres. Reedificou varios edificios sagrados, e ornou a sua Cathedral com preciosos paramentos. Delle fazem honorifica memoria o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal *Cathal. dos Bispos da Guard.* 2. 40. e Dom Jozé Barboza *Mem. Hist. do Colleg. de S. Paul.* p. 154. e no *Archiet. Lusit.* p. 36.

Quis sequitur Martinus erit cognomine Mello

Sanguine præclarus spectatus Palladis arte. Hunc fidei succendet amor, zelusque docebit

Pacificas armare manus in damna reorum Indocili qui corde negant venisse supernum Humanæ Verbum velatum tegmine carnis. Præsule quàm justo felix Ægitania! quantis

Pauperies inculca pii clamoribus alta Largitas Pastoris opes ad sydera tollet! Informam Pauli meliorem fingere Cætum Curabit, mandante Petro, cui jura supremum

Imperium inviolata dabunt, at Principis alta

Perficiet solus, qui sit, mandata, sodalis.

Compoz

In Sextum Decretalium. fol. 2. Tom. Conservaõ-se M. S. em poder de seus herdeiros.

MARTIM AFFONSO DE MIRANDA, natural de Lisboa, Alferes de huma Companhia da guarniçaõ da Corte, criado da Serenissima Casa de Bragança igualmente nobre por nascimento, como perito em todo o genero de erudiçaõ sagrada, e profana, como testemunhaõ as obras seguintes

Discursos historicos de la Vida, y muerte de D. Antonio de Zuniga Comendador de Ribera del Consejo de Guerra de S. Magestad y su Capitan General del Reino de Portugal. Lisboa, por Antonio Alvares 1618. 4.

Triunfos da salutifera Cruz de Christo. Lisboa, por Pedro Crasbeeck. 1620. 4. Consta de dous livros: 1. da antiguidade, inventores, e tormento da Cruz. 2. das glorias de Christo. Dedicado a D. Miguel de Noronha Conde de Linhares.

Tempo de agora. Consta de 3. Dialogos:

1. da verdade, e da mentira: 2. do trabalho, e males da ociosidade: 3. da temperança, e males da largueza. Part. 1. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1622. 8.

Tempo de agora Part. 2. Consta de 3. Dialogos: da verdadeira, e falsa amizade. 2. da justiça, e injustiça. 3. Doutrina para Principes. ibi pelo dito Impressor 1624. 8. Promete no Prologo 3. e 4. Parte.

Declaraçaõ do Padre nosso com suas meditaçoens. ibi pelo dito Impressor 1624. 16.

Roteiro, para com facilidade o Mestre de Campo, Sargento mór, e Ajudante de hum Terço acertarem com o tocante a seus Officios, e para se formarem os quatro Esquadroens, que mais andaõ em pratica com huma raiz quadra de cabeça de 100. até 10000. e seus numeratos. Escrito no anno de 1641. 8. Conserva-se na Bibliotheca Real.

Panegyrico exemplar da Vida, e morte do preclaro Herõe D. Manoel da Cunha, Comendador da Ordem de Christo, Senhor de Taboa, e Chefe dos Cunhas. Escrito em 1636. 4. Dedicado a D. Rodrigo da Cunha. Conservava-se na Bibliotheca do Cardinal de Souza.

Fazem delle memoria *Nic. Ant. Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 72. col. 2. que com erro palmar o faz Religioso Trino. *Joan. Soar. de Brito Theatr. Lusit. Litter. lit. M. n. 10. Franckenau Bib. Hisp. Heral. Geneal.* p. 305. e *Fr. Bernard. á D. Ant. Epitom. Redempt.* liv. 1. cap. 12.

MARTIM AFFONSO DE SOUSA; Senhor do Prado, e Alcoentre, Alcaide mór de Bragança, e de Rio mayor naceo em Villa-Viçosa, Corte dos Serenissimos Duques de Bragança, sendo filho de Lopo de Sousa Senhor do Prado, Pavia, e Baltar, e de D. Brites de Albuquerque, filha de Joaõ Rodrigues de Sá Senhor de Sever, Alcaide mór, e Védor da Fazenda do Porto, e D. Joanna de Albuquerque. Formado pela natureza para Herõe começou desde a dolefcencia a dar claros argumentos de generosos brios distinguindo-se entre elles quando não aceitou hum precioso collar de ouro, e pedraria que lhe offerecera o graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova sendo Hospede de seu Pay em a Cidade de Bragança. Admirado o graõ Capitaõ desta açãõ praticada em taõ tenra idade lhe instou havia

havia de ficar com huma sua prenda, e dando-lhe a propria espada a recebo obsequioso, da qual fez taõ grande estimaçaõ, que usava della nas mayores funçoens. Por alguns annos affittio na Corte do Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, donde passando á delRey D. Joaõ III. conciliou os affectos de D. Antonio de Ataide I. Conde da Castanheira seu Primo. Conhecendo ElRey os espiritos marciaes, que lhe animavaõ o peito o nomeou Capitaõ mór ao Rio da prata, em cuja jornada descobrio aquella nobre Colonia, á qual impoz o nome de Rio de Janeiro por nelle fazer a entrada ao 1 dia do anno de 1532. Por taõ feliz descobrimento se fez merecedor, de que no anno de 1534, fosse nomeado Capitaõ mór de huma Armada, composta de sinco naos, e guarnecida de dous mil soldados para a India Oriental, quando a governava o famoso Nuno da Cunha. A primeira acçaõ, com que fez celebre a fama do seu nome, foy o rendimento da Praça de Damaõ, onde desbaratou quinhentos Turcos, que a perfidiavaõ, e a reduzio a lamentaveis cinzas. Sendo convidado por Sultaõ Badur Rey de Cambaya para se levantar Fortaleza em Dio, partio sem demora para ser glorioso instrumento desta Fundaçãõ. A Cidade de Repelim situada na Provincia do Malabar, ainda que estava defendida pelo seu Principe, com seis mil Soldados, foy entregue á voracidade das chamas. Com formidavel destroço fez retroceder a marcha delRey de Calicut em o passo de Cambalaõ, que capitaneava quarenta mil homens. Bastava o ecco do seu nome, para intimidar os mayores Potentados da Azia, pois para naõ ser despojo da tua fulminante espada levantou Madune Pandar Rey de Ceitavaca o fitio, que tinha posto a ElRey de Cotta seu irmaõ, e nosso confederado. Naõ pode escapar do seu furor a armada auxiliar do Samorim, a qual, precedendo hum porfiado combate, foy derrotada com a morte de mil e duzentos mouros. Resoluto Pate Marcar, poderoso mouro de Calicut vingar esta affronta sahio com huma armada de sincoenta navios, com doze mil homens e quatrocentas peças de artelharia, contra, a qual se opoz o nosso Heróe, com vinte e tres navios de remo, e quatrocentos homens de peleija, e achando ao bar-

Tom. III.

baro espalmando os seus navios em Beadala, ainda que juntou mais sete mil Soldados de terra ao grande poder maritimo que tinha, saltou em terra, e atacando a batalha entre numero taõ desigual, degolou mais de setecentos mouros, e reduzio aos outros a precepitada fugida recolhendo como vencedor os despojos que no mar, e terra tinha Pate Marcar. Todas estas gloriosas emprezas conseguidas pelo valor heroico do seu coraçãõ lhe serviraõ de degraos para subir ao honorifico lugar de Governador da India, para onde partio no anno de 1541, merecendo levar por companheiro em jornada taõ perigosa, e dilatada ao grande Xavier destinado Apostolo do Oriente, para com as luzes do Evangelho desterrar as sombras do Paganismo. Principiou o seu governo pela destruiçaõ da Cidade de Baticala, situada na Costa do Canará que por negar a obediencia jurada ao Estado, foy sumergida em hum mar de sangue, e reduzidas a cinzas todas as plantas que produziaõ os seus campos. Como era muito zeloso da Naçaõ Portugueza, e conhecesse que a India fatalmente declinava da gloria, que lhe adquiriraõ seus primeiros Conquistadores, jurou pela Hostia que se levantava na Missa de abrir as successoens, e entregar o governo a quem ellas nomeassem, pois naõ queria ser testemunha ocular da funesta decadencia do Estado, que tinha ennobrecido com os tributos dos Reys de Janafapataõ, e Tranvacor. Da Fazenda Real teve taõ provida economia, que pagou trinta e sinco contos de dividas antigas, e tres quarteis cada anno a todos os Soldados, reservando sempre sincoenta mil pardaos para despezas extraordinarias. Sendo taõ vigilante dispensador da Fazenda Real, era prodigo da sua como mostrou, quando voltava para o Reino naõ consentindo que pessoa alguma levasse matalotagem, e dando a todos mesa abundantissima. Embarcado em a Nao S. Thomé chegou a Lisboa a 13 de Junho de 1546 havendo governado com igual prudencia, que desinteresse tres annos e quatro mezes. Ao tempo que estava pacificamente gozando na patria os aplausos adquiridos no Oriente, se lhe offereceo nova occasiãõ de ostentar o seu valor, pois determinados os Turcos a invadir as Costas do Algarve, e

Lisboa, propoz a El Rey no Concelho de Estado quem havia de ser o General desta expedição, e votando Martim Affonso na sua pessoa foy celebrada universalmente esta nomeação. Cumulado de victorias, e acçoens religiosas falleceo em Lisboa a 21 de Julho de 1564. Jaz sepultado na Igreja do Convento de S. Francisco da Provincia de Portugal. Foy casado com D. Anna Pimentel filha de Arias Maldonado Senhor de Avedilho, Comendador de Elches, e Estriana, e Regedor de Salamanca, e Talavera, e de D. Joanna Pimentel Dama da Rainha Catholica, filha de D. Pedro Pimentel Senhor de Tavera, e irmãa do I. Marquez de Tavera de quem teve a Pedro Lopes de Sousa Senhor de Alcoentre, e Tagarro Alcaide mór de Rio-Mayor, Comendador de S. Maria de Mascarenhas da Ordem de Christo, Embaxador del Rey D. Sebastião a Castella, que casou com D. Anna da Guerra de quem teve a D. Mariana de Sousa da Guerra mulher de D. Francisco de Faro I. Conde de Vimieiro: Lopo Rodrigues de Sousa que morreo na jornada da India: D. Fr. Antonio de Sousa da preclarissima Ordem dos Prégadores, donde subio a Bispo de Viseu a 4 de Dezembro de 1595, e falleceo no anno de 1597: e D. Ignez Pimentel que se despozou com D. Antonio de Castro IV. Conde de Monsanto, de cujo consorcio naceo D. Martim Affonso de Castro Comendador das Alcaçovas de Santarem, General das Galés do Reino, e XIX. Vice-Rey da India. Celebraõ as acçoens politicas, e militares deste grande Heroe Joaõ de Barros *Decad. da Ind.* 4. liv. 4. cap. 27. liv. 6. cap. 16. liv. 8. cap. 12. cap. 13. 14. Couto *Decad. da Ind.* 5. liv. 1. cap. 6. e liv. 10. cap. 11. Andrade *Chron. del Rey D. Joaõ III.* Part. 3. cap. 2. 3. 4. 11. 23. 25. 37. 38. 47. 48. 49. Maffeu. *Hist. Ind.* lib. 11. Macedo *Prep. Lusit. Gallic.* p. 123. Faria *Asia Portug.* Tom. 2. cap. 11. até 14. Par. 1. Maris *Dial. de Var. Hist.* Dial. 5. cap. 1. Barbuda *Emprez. Milit.* liv. 9. Fr. Joaõ Jozé de S. Ter. *Hist. del Brasile* Part. 1. liv. 1. p. 8. Vasc. *Chron. da Prov. do Brasil.* liv. 1. n. 63. Gabriel Pereir. *Decif.* Dec. 59. Sousa de Macedo *Flor de Espan.* cap. 7. excel. 5. Telles *Chron. da Comp. de Jesus da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 1. cap. 12. e liv. 3. cap. 3. Sousa *Orient. Conq.* Part.

1. Conq. 1. Divis. 1. n. 28. 29. e 30. Franc. de S. Maria *Diar. Portug.* Tom. 2. p. 388. Rocha *Americ. Portug.* liv. 2. n. 101. Brito Freire *Nova Lusit.* liv. 1. cap. 47. Camoens *Lusiad.* Cant. 10. Est. 67.

Este será Martinho, que de Marte

O nome co' as obras derivado;

Tanto em armas illustre em toda a parte

Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.

Teve profunda instrução das disciplinas Mathematicas, como mostrou nas doudas observaçoens que fez na jornada do Sul primeira das suas navegaçoens que propoz ao mayor Mathematico do seu tempo Pedro Nunes Cosmografo del Rey D. Joaõ III. o qual as expoz no livro que imprimio o mesmo Pedro Nunes em o anno de 1537. por Germaõ Galharde. Escreveo como outro Cesar

Epitome da sua Vida. M. S.

Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro, e nella a vio o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes como affirma na Conferencia da Academia Real feita a 28 de Julho de 1724, que imprimio neste anno. Esta mesma empreza intentava fazer seu filho D. Fr. Antonio de Sousa Bispo de Viseu, para a qual tinha junto diversos documentos, como no seu lugar se disse.

MARTIM CARDOSO DE AZEVEDO, natural da Cidade de Evora dotado de feliz engenho, e genio jovial, como de noticias historicas. Escreveo com estylo jocundo, e judicioso

Historia das Antiquidades da famosa Cidade de Evora. Sahio este livro com o nome de Amador Patricio, com o seguinte titulo impresso na Officina da Universidade de Evora 1739. 4.

Historia das Antiquidades de Evora. Primeira Parte repartida em dez livros, onde se relataõ as cousas, que acontecerã em Evora até ser tomada aos Mouros por Giraldo no tempo del Rey D. Affonso Henriques, e o mais, que dahi por diante aconteceo até o tempo presente se contará na segunda parte, que para ficar mais desembaraçada se poem no fim desta os Reys de Portugal, com suas descendencias. Fazendo juizo desta obra o P. Francisco da Fonseca *Evora. Glor.* pag. 413.

413. diz, que com summa habilidade misturando as fabulas com as historias, e acomodandoas engenhosamente aos sitios, nomes, e bairros da Cidade, fez a mais deleitosa leitura, que imaginar se possa: corre pelas mãos de todos M. S. com summo aplauso, e se Deos me der occasião procurarey de a imprimir.

MARTIM CARVALHO DE VILLASBOAS, natural da Villa de Guimaraens, Doutor em ambos os Direitos, Advogado de Causas Forenses na Cidade de Milão, onde alcançou grande nome pela sua profunda litteratura. Compoz

Espejo de Principes, y Ministros. Milan por los herederos de Pacifico Poncio 1598. 4. Dedicado ao Serenissimo Principe de Parma Ranucio Farnese.

Fazem delle menção Agostinho Barbosa *Collect. ad lib. 1. Decret. cap. ex part. 10. de consuetudine. n. 4.* onde affirma ser seu Patrio e Nicol. *Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. p. 80. col. 1.*

MARTIM DE CASTRO DO RIO. Senhor de Barbacena Comendador da Comenda de S. João de Refega na Ordem de Christo naceo em Lisboa sendo seus Progenitores Diogo de Castro do Rio Fidalgo da Casa del Rey D. João III. e primeiro Senhor de Barbacena, e Beatriz Vaz, filha de Duarte Tristaõ. Foy ornado de juizo agudo, e coração piedoso mostrando aquelle nas produçoens da sua penna, e este nas continuas esmolas com que soccorria a pobreza, ocultando com tanto cuidado esta sagrada profusão, que sómente se descobrio por sua morte, em que cessou a corrente de tantos beneficios. Mereceõ entre os Poetas do seu tempo distincta estimação cujos versos eraõ conceituosos, cadentes, e elegantes. Do estudo da Genealogia teve bastante ligação, como tambem da Historia Secular. Casou com D. Margarida de Mendocça, filha de Jorge Furtado de Mendocça Comendador das Entradas, e Repreza, e D. Meicia Henriques, filha de Pedro de Sousa Alcaide mór de Béja, Senhor de Beringel irmãã de Affonso Furtado de Mendocça, que de Deaõ de Lisboa, e Reitor da Universidade de Coimbra ocupou as Mitras dos Bispados da Guarda, e Coimbra, e os Ar-

cebispados de Lisboa, e Braga. Deste Conforcio foy a primeira produção Luiz de Castro do Rio, que casou a primeira vez, com sua prima D. Margarida de Mendocça, filha de D. Francisco de Sousa Governador do Brasil, de quem não teve filhos. Passou a segundas vodas com Dona Catherina Telles filha de Aires Telles de Menezes, Alcaide mór da Covilhã, cujo lugar obteve por este casamento, da qual não teve successão. Sucedeo na Casa Jorge Furtado de Mendocça, filho segundo de Martim de Castro do Rio. Compoz

Poesias Sagradas. Consta de Elegias, Cançoens, Hymnos, Tercetos, Oitavas, Sonetos, e Vilhancicos. 4. M. S. Conservaõ-se na Livraria do Illustrissimo e Excellentissimo Duque de Lafoens, que foy do Eminentissimo Cardeal de Sousa.

No *Cancionario* do P. Pedro Ribeiro escrito em o anno de 1577, que se guarda na mesma Livraria está huma tua *Elegia Sacra*, que começa

**Ati meu bom JESUS, que offendi tanto.*

Instrução a seus filhos, quando se embarcou em huma Armada.

Nobiliario de diversas Familias. fol. M. S. Conservava-se em poder de Jorge Furtado de Mendocça Visconde de Barbacena sobrinho do Author, de cuja obra se lembraõ Manoel de Faria e Sousa *Fuente de Aganip.* Part. 1. no Prolog. n. 3. e Ant. Carvalho da Costa *Corog. Portug. Tom. 2. p. 553.*

MARTIM GONÇALVES COELHO, natural da Ribeira de Frades, e filho de Martim Gonçalves. Estudou Medicina em a Universidade de Coimbra onde depois de receber nesta Faculdade as insignias doutoraes, foy Lente do Methodo a 21 de Janeiro de 1606, e de Anatomia a 7 de Fevereiro de 1615.

Compoz

Tractatus de Fontanellis. Composto no anno de 1621. Consta de cinco Questoes, em que comprehende as qualidades que ha de ter a pessoa a quem se deve abrir as fontes, e as queixas a que se devem aplicar.

Tractatus de Symptomatibus februm putridarum. Consta de tres Secçoens. Deixou-o imperfeito.

De Morbis repentinis ab anno 1626. ad 1637. Conservava-se M. S. na Livraria do Dou-

Doutor Manoel Soares Brandaõ insigne Medico.

MARTIM VASQUES, filho de Vasco Lourenço criado do Mestre de Aviz, de quem faz menção a *Monarchia Lusit.* Tom. 8. liv. 23. cap. 15. Foy educado em casa do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, onde aprendeo taes documentos que o fizeraõ digno de ser Capellaõ mór de D. Fernando Duque de Bragança, e Marquez de Villa-Viçosa, Prior da Igreja da Vidi-gueira, e Chantre de Evora, á qual deixou grande copia de dinheiro para se empregar em herdades, com obrigação de doze anniversarios. Jaz sepultado na Cathedral junto do Altar de S. Braz. Compoz

Anniversarios da Sé de Evora. He escrito em pergaminho de letra gothica, e se conserva no Cartorio do Cabido. No rosto tem estas palavras

Este livro mandou fazer o honrado Martim Vasques Chantre, e Conego desta Igreja, criado do Conde Santo D. Nuno Alvares Pereira, e Capellaõ mór de D. Fernando seu Neto, Duque de Bragança, o qual livro mandou fazer por honra, e serviço de Deos, e desta Santa Sé á sua propria custa, e foy feito por mão de João de Béja Bacharel em a dita Sé, e acabado foy a 22 de Mayo de 1442.

Consta este livro das pessoas, que occuparaõ as dignidades da Cathedral, o dia dos seus obitos, e onde estaõ sepultadas com o numero dos Anniversarios, que se fazem por cada huma, e posto que se diga no principio, que foy mandado fazer por Martim Vasques, elle he o seu Author, a cuja investigação, e disvelo se devem tantas noticias com grande trabalho do Cartorio da Cathedral que empredeio por honra, e serviço de Deos, e da Cathedral, de que era Conego como diz no principio do dito livro, que muitas vezes he allegado pelo celebre Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da mesma Cathedral, e outros Escriitores.

MARTIM VAZ VILLAS-BOAS. Naceo em a Villa de Conde a 15 de Junho de 1577. Foraõ seus Progenitores Gonçalo Vaz Villas-Boas, e sua primeira mulher D. Anna de Noronha. Pelas suas virtudes, e letras foy Protonotario Apostolico Prior

da Igreja de S. Vicente de Bragança no Bispado de Miranda, Abbade Pensionario da Igreja de S. Payo da Carvalheira, e da Igreja de Santa Vaya do Arcebispado de Braga, Beneficiado da Igreja do Salvador de Béja, e de S. Joaõ de Coruche do Arcebispado de Evora, Pensionario na Igreja do Castello de Neiva, e no Chantrado de Miranda. Falleceo em Lisboa a 10 de Abril de 1636, quando contava 59 annos de idade. Jaz sepultado no Convento de S. Francisco. O seu nome immortalizou o Doutor Joaõ Antonio de la Penha Advogado nos reaes Concelhos de Madrid, com o livro impresso em o anno de 1636 intitulado *Fama Poethuma Portugueza Tragicomedia del illustre Varon Martim Vaz Villas-Boas.*

Compoz

Tratado da Primazia da S. Sé de Braga. M. S.

Breviario das Gentes, e povoação das duas Espanhas. M. S.

Demonstração contra os Judeos da vinda do Messias verdadeiro, prometido nas Escrituras.

Instituição, precedencia, e obrigação dos Officios da Casa Real de Portugal.

Algumas destas obras se conservaõ em a Casa chamada do Mosteiro de Vitorinho das Donas, situada no Conselho de Geraz do Lima da Correição de Vianna, onde habita Gaspar da Costa Rego Villas-Boas Machado, parente do Author.

MARTIM VELHO VALENTE, Collegial do Collegio das Ordens Militares em a Universidade de Coimbra, e insigne professor de Poesia sendo a mais celebre obra que compoz a intitulada *Saudades.* M. S. Consta de quatro Sylvas. Começa

Onde o florido Lusitano Monda

Com passos de christal mais dilatado, &c. Acaba

De Serranas Pastoras

Nymfas, e pescadoras.

Conserva-se na Livraria do Illustrissimo e Excellentissimo Duque de Lafoens.

Egloga de Tyrso, e Bellardo

Começa

Entre labios de rosas, y claveles, &c. Conservava-se na Livraria de D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante mór, e Guarda mór da Torre do Tombo. Fr:

Fr. MARTINHO, Abbade perpetuo do Real Convento de Alcobaça, e famoso Theologo do seu tempo, escrevendo no anno de 1375.

Tractatus varii Theologiæ speculativæ, & Moralis. fol. M. S. que se conservaõ na Bibliotheca do mesmo Convento.

MARTINHO AFFONSO DE GOUEA. De Portugal donde nacera passou ao vastissimo Reino da Persia, e depois de investigar com juizo de sabio, e disvelo de curioso tudo que era digno de observar-se em taõ grande Imperio, escreveu com estylo sincero

Relaçãõ das cousas da Persia. 4. M. S. Da obra, e do Author faz memoria Joaõ Franco Barreto *Bib. Portug.* M. S.

Fr. MARTINHO DE ALJUBARROTA, cujo apelido denota a patria que lhe deo o berço situado nos Coutos de Alcobaça do Patriarchado de Lisboa, Monge Cisterciense. Traduzio por ordem de Dom Fernando Mendes Abbade perpetuo de Alcobaça, em o anno de 1607 da lingua Latina em a materna

Regra de S. Bento. fol. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça.

Fr. MARTINHO DO AMOR DE DEOS, chamado no seculo Martim Teixeira de Carvalho naceo em Lisboa, sendo filho de Martim Teixeira de Carvalho, e de D. Leonor Maria de Carvalho. Aplicou-se na Universidade de Coimbra ao estudo da Jurisprudencia Cesarea na qual recebido o grao de Doutor, foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo, onde entrou no 1 de Novembro de 1716. Penetrado de heroico desengano deixou os aplausos Academicos, e renunciando o Beneficio opulento que tinha na Igreja de Coruche recebeu o habito de S. Francisco na Recoleta de N. Senhora dos Anjos de Brancanes situado no termo da Villa de Setuval a 27 de Setembro de 1724. Obrigado das molestias contrahidas pelo sitio do Convento se incorporou na Provincia dos Capuchos de Santo Antonio, onde teve o lugar de Procurador Geral, Chronista, Penitenciario

Apostolico, Examinador Synodal do Patriarchado de Lisboa, e do grande Priorado do Crato. Depois de ter padecido huma larga enfermidade que o deixou inhabil para todo o ministerio, falleceo no Convento de Lisboa a 23 de Abril de 1749.

Compoz

Escolla da Penitencia, Caminho da perfeiçãõ, Estrada segura para a vida eterna, Chronica da Santa Provincia de Santo Antonio da regular, e estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco no instituto Capucho neste Reino de Portugal. Tom. 1. Lisboa na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedroso Galraõ 1740 fol.

Delle faz memoria meu irmaõ D. Jozé Barbosa *Mem. do Colleg. de S. Paulo* p. 245. e no *Archieth. Lusit.* p. 64.

Martinus seclii curas vitabit inanes

Præmia docta suos Pallas quibus innubacingat

Despiciet, Seraphimque petet pia claustra ferentis

Quina Redemptoris mortali vulnera carne Numini ut æterno queat otia sancta dicare.

Fr. MARTINHO DE ARRAYOLOS, natural da Villa do seu apelido situada na Provincia Transagana, Monge Cisterciense, que floreceo no anno de 1170. Foy muito versado em todo o genero de erudiçãõ. Escreveo

Vocabularium alphabetica methodo directum, significatione nominum Latinorum adhibita. fol.

Conserva-se na Bibliotheca M. S. do Real Convento de Alcobaça.

MARTINHO DE CEROLICO, nacido em a Villa, que tomou por apellido, situada na Provincia da Beira. Foy muito douto em hum, e outro Direito. Sendo Juiz dos Confiscados pela Inquiçãõ de Toledo escreveu em defenfa dos Christãos infectos com o sangue Judaico

Allegacion, em que se funda la justitia, y merced, que algunos particulares del Reino de Portugal piden a Su Magestad. Madrid 1619. fol.

Do Author, e da obra se lembra Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 80. col. 2.

D. MARTINHO DE CASTELLO-BRANCO, I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Védor da Fazenda, e Camareiro mór delRey D. Joaõ III. Foraõ seus claros progenitores Gonçalo Vaz de Castello-Branco, Senhor de Villa-Nova de Portimaõ, Monteiro mór, Védor da Fazenda, Regedor da Casa da Suplicação, Almotaçé mór, e Escrivaõ da puridade delRey D. Affonso V., e D. Brites Valente, filha de Martim Affonso Valente, Senhor do Morgado da Pòvoa. Foy ornado de juizo prudente, e recta intençaõ por cujos dotes se fez digno de que sempre ElRey D. Joaõ III. preferisse o seu voto em as materias mais graves em que era consultado. Cultivou a Poesia com discricação, e cadencia naõ sendo menos perito na Arte da Cavallaria, levando pela agilidade, e destreza a primazia no jogo das canas. Foy casado com D. Mecia de Noronha, filha de Joaõ Gonçalves da Camara de Lobos II, Capitaõ da Ilha da Madeira, e D. Maria de Noronha, filha de D. Joaõ Henriques, de quem naceo D. Gonçalo de Castello-Branco: Dom Francisco de Castello-Branco, Camareiro mór delRey D. Joaõ III. D. Joaõ de Castello-Branco Comendador de Aljesur da Ordem de S. Tiago: D. Antonio de Castello-Branco Deaõ da Sé de Lisboa: D. Affonso de Castello-Branco Meirinho mór do Reino, e Senhor do Morgado de Montalvaõ: D. Brites de Noronha, mulher de Affonso Pires de Pantoja, Senhor de S. Tiago de Cassem: D. Guiomar de Noronha, mulher de D. Rodrigo de Eça: D. Camilla de Noronha, mulher de Joaõ Rodrigues de Sá Alcaide mór do Porto: D. Leonor de Noronha mulher de D. Bernardo Manoel, Camareiro mór delRey D. Manoel: Dona Maria de Noronha, mulher de D. Nuno Alvares de Noronha, e D. Joanna religiosa de S. Clara no Convento da Ilha da Madeira. O insigne Poeta Cataldo liv. 6. in scriptus *Salomon* o louva com estas vozes

*Nomine Martinus Castelli agnomine Brāchi
Primus amor Regis, primaque cura sui
Castelli cognomen habet; munimine fultus
Virtutum, et circum turre potente datus:
Branchum Vulgares, album dixere Latini,
Albior argento, candidiorque nive.*

*Absens multa facit nutu, quā plurimā præsens
Cujus in arbitrio regia summa jacet.*

*Alphonso quondam charus, natoque Joanni:
Tanta illi probitas instia, tantus honor.*

*Et multò Emmanuel tibi nūc charissimus extat
Quo sine nil magnis Rex bone rebus agis.*

Compoz

Varias obras Poeticas. Destas algumas sahiraõ no *Cancioneiro de Garcia de Resende*. Lisboa por Herman de Campos 1516, fol. a fol. 71. vers. 147. vers. 172. vers. 157. e 159. vers.

MARTINHO FERNANDES DE FIGUEIREDO, que floreceo no feliz reinado do Serenissimo D. Manoel, escreveu com noticia individual

Viagem de Pedro de Anhaya á Persia, e Arabia por Ordem delRey D. Manoel. 4. M. S. Da obra, e do Author se lembraõ Antonio de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 9. e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 82. col. 1.

MARTINHO DE FIGUEIREDO, igualmente perito na liçaõ dos Poetas, e Historiadores antigos, como em a dos modernos, donde colheo tanta erudiçaõ que a deixou patente na obra seguinte

Commentum in Plinii Naturalis Historie prologum. Ulyssipone apud Germanum Gallhard. 1529. fol. Dedicado a ElRey Dom Joaõ III. Desta obra fazem mençaõ o Padre Joaõ Harduino Jesuita no Prologo do Comment. que fez a Plinio para uso do Serenissimo Delfim de França, Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. p. 82. col. 1. e o addicionador de Antonio de Leaõ Tom. 3. p. 1249.

Fr. MARTINHO DA INSUA, religioso professo da Serafica Provincia dos Capuchos de Santo Antonio, e muito perito na Theologia Mystica. Compoz por ordem do Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro.

Dos Tres lumes da Alma. M. S.

Da obra, como do seu Author se lembra, Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo Ant.* Tom. 1. liv. 2. cap. 12. §. 44.

MARTINHO LOPES DE MORAES ALAM, naceo em a Cidade do Porto a 8 de Setembro de 1713, onde fo-
raõ

raõ seus Progenitores, Agostinho Aurelio de Moraes Alaõ, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Cidadão do governo da mesma Cidade, e D. Tereza Filippa de Moraes de igual nobreza á de seu Conforto. Depois de estudar as Sciencias escolasticas obteve hum Canonicato na Cathedral da sua patria de que tomou posse a 11 de Fevereiro de 1733, sendo juntamente Administrador da Capella dos Aloens, instituida em o anno de 1381 por Domingos Giraldes Alaõ Conego do Porto, e Prior de Fermelam. Desde os primeiros annos cultivou a Poesia, que exercita com felicidade, como tambem a Oratoria que se admira nos seus Discursos, e Cartas. Do seu fecundo engenho tem publicado as seguintes producçoens.

Sucesso lamentavel da destruição do Porto, e seus suburbios no fatal mez de Dezembro de 1739. Porto 1740. 4. Não tem nome do Impressor. Consta de 77 Oitavas. Sahio sem o nome do Author.

Carta em que persuade ao Conego do Porto Antonio de Deos Campos imprima o Sermaõ gratulatorio, que prégou na Cathedral do Porto pelo nascimento da terceira filha do Serenissimo Principe do Brasil o Senhor D. Jozé. Porto 1740. 4. Sahio na prefacção deste Sermaõ. A carta acaba com hum Soneto.

Porto Glorioso. Poema Historico, Panegyrico na alegre plausivel, e faustissima entrada publica, que no dia 5 de Mayo de 1743, fez na Cidade do Porto o Excellentissimo Senhor D. Fr. Jozé Maria da Fonseca e Evora. Porto por Manoel Pedroso Coimbra. 1743. 4. e Lisboa na Officina Real Sylviana, e da Academia 1743. 4. Consta de 100. Oitavas.

MARTINHO DE MENDOÇA DE PINA E PROENÇA, Fidalgo da Casa Real, natural da Cidade da Guarda, e filho de Luiz de Pina Osorio de Proença, e de Mariana Jozefa da Cunha, ambos descendentes de familias illustres. Ornado de sublime capacidade, e prudente juizo discorreo por toda a Europa, onde pela noticia das lingoas Latina, Grega, Franceza, Italiana, e Ingleza, como tambem pela erudição Ecclesiastica, e Secular conciliou as estimaçoens dos mais celebres Filologos.

Tom. III,

Restituido a Portugal foy admittido a Academico da Academia Real, a cuja applicação se cometeo a Historia Latina do Arcebispado de Braga, e as Memorias Historicas delRey D. Duarte na lingoa Portugueza. Foy Bibliothecario da Bibliotheca Real, Deputado do Tribunal do Conselho Ultramarino, Censor da Academia Real, e Guarda mór da Torre do Tombo. Falleceo em Lisboa a 12 de Março de 1743. Jaz sepultado na sua patria. *Eruditissimo* o intitula o P. D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* Tom. 2. p. 327. Compoz

Expediitio Belgradensis sub auspiciis Eugenii Francisci Principis Sabaudii. Lipsiæ 1718. 16. Nesta expedição se achou pessoalmente o Author.

Discurso Philologico Critico, sobre o Corollario del Discurso XV. del Theatro Critico Universal. Madrid 1727. 4. Sahio com o affectado nome de Ernesto Frayer.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 7 de Setembro de 1729. Sahio no Tom. 9. da *Collec. dos Docum.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1729. fol.

Conta dos seus estudos Academicos em 12 de Abril de 1731. No Tom. 11. da *Collec. dos Docum.* Lisboa pelo dito Impressor. 1731 fol.

Discurso sobre a significação dos Altares rudes, e antiquissimos que se achão em varias partes de Portugal chamados Antas, recitado na Academia Real em 30 de Junho de de 1733. Sahio no Tom. 12. da *Collec. dos Docum. da dita Academia.* Lisboa pelo dito Impressor 1733. fol.

Conta dos seus estudos Academicos em 23 de Janeiro de 1733. No Tom. 12. da *Collec. dos Docum.* Lisboa pelo dito Impressor. 1733. fol.

Apontamentos para a educação de hum Menino nobre. Lisboa pelo dito Impressor 1734. 8.

MARTINHO DE MESQUITA. Naceo em a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em o anno de 1633, sendo filho de Gaspar Dias de Mesquita, e irmão de Salvador de Mesquita de quem em seu lugar se fará menção. Na idade da adolescencia passou a Roma, onde aprendeo as

Kkk

letras

letras humanas, e Filosofia, em que sahio insigne, como tambem na metrificaçã da Poesia Latina, e Sciencia de hum, e outro Direito recebendo as insignias Doutoraes em ambas estas Faculdades, em a Sapiencia no anno de 1661. Assistio muitos annos no Palacio do Cardeal Antonio Barberino a quem dedicou a seguinte obra com este titulo

Centumvirale propugnaculum Conclusio- num Canonico Civilium sub auspiciis Emmi- nentissimi, & Reverendissimi Principis Antonii Barberini Episcopi Tusculani S. R. E. Cardinalis Camerarii, magni Franciæ Ely- emofinarii, utriusque regii Ordinis Comen- datoris, Carminibus erectum. Romæ apud hæredes Francisci Corbelletti 1662. fol. Con- staõ de 100. paginas, e todos os pontos em verso heroico Latino com grande en- genho compostos.

Tela Gratiarum, sive Emmi-entissimi Principis Antonii Barberini S. R. E. Car- dinalis vita heroico metro. Romæ apud I- gnatium de Lazais 1665. 4.

Estreum fulmen in Batavorum classem à Jove Gallico Ludovico XIV. Galiarum re- ge invictissimo jaculatum. Tanti fulminis administro Illustrissimo & Excellentissimo Co- mite Joanne de Estrees ejusdem Regis in toto Occidentali Oceano Pro-Architalasso, ad insulam Tabaco in America Meridiona- li &c. heroico redditum Carmine. Romæ, apud Angelum Barnabo 1677. fol. Sem o seu nome.

Relatione dell' Ambasciata extraordina- ria de' Obedienza inviata del Serenissimo Prin- cipe D. Pietro Sucessore, Governatore, e Regente de Regni di Portugallo, e degli Algarbi, &c. a la Santità di Nostro Signo- re Papa Clemente X. prestata del Illustris- simo e Excellentissimo Signore D. Frances- co di Sousa Conte del Prato, Marchese del- le Mine, &c. Roma por Mancino. 1670. 4.

Elegia, que consta de 27 distichos, em aplauso do Sermaõ das Chagas de S. Fran- cisco, composto pelo P. Antonio Vieira. Sahio no principio deste Sermaõ. Lisboa, por Miguel Manescal 1673. 4.

Vida do Ven. P. Antonio da Conceição, Conego da Congregaõ do Evangelista. M. S. D. Francisco Manoel no Prologo das obras *Metricas*, fazendo memoria dos eruditos

da Corte Romana. *Assi en las letras utiles, y classicas acompañadas de otros utiles sudores el Abad Martin de Mesquita.*

Fr. MARTINHO DE S. MONICA, natural de Evora, filho de Manoel Mar- tins, e Ursula Rodrigues. Professou o ins- tituto de Erimita de Santo Agostinho no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 11 de Abril de 1610. Appli- couse com tanto disvello á Arte da Musica que foy venerado por Mestre desta armo- nica Faculdade, sendo o da Capella do Con- vento de Lisboa, e dos Noviços que sãta- tamente educou no anno de 1632.

Compoz

Varias obras Musicas. Conservaõ-se M. S. na Bib. Real da Musica.

Fr. MARTINHO MONIZ, filho de Jeronymo Moniz de Lusignano, e D. El- vira de Alarcã, que o pario na Capella de N. S. da Piedade do Real Convento do Carmo de Lisboa, a tempo que estava ro- gando a esta imagem lhe desse feliz parto. Recebeo a graça bautismal na Parochia de S. Nicolao a 14 de Agosto de 1585. Co- mo tinha nacido para a vida natural no Templo dos Carmelitas, em memoria de taõ alto beneficio, renaceo em o mesmo lugar para a vida espirital vestindo o habito Carmelitano a 13 de Dezembro de 1599, cujo instituto professou solemnemente a 19 de Agosto de 1601. Estudada a Filosofia no Convento de Lisboa, e Theologia em o Collegio de Coimbra, em cujas Facul- dade sahio eminente, se dedicou ao minis- terio do pulpito, onde conciliou geral ap- plauso. A prudencia, de que se ornava o seu juizo o habilitou para duas vezes ser Provincial da sua Provincia: a primeira eleito a 2 de Fevereiro de 1625, e a segun- da a 7 de Mayo de 1634, e sendo instado a aceitar terceira vez este lugar o naõ acei- tou, para naõ ser arguido de ambicioso. Foy nomeado pela Santidade de Urbano VIII. Visitador da Congregaõ dos Co- negos Regulares, para pacificar as inquie- taçoens originadas da eleiçaõ do seu Prior Geral, cuja incumbencia desempenhou, como do seu grande talento se esperava. Com semelhante prudencia serenou as dis- cordias dos Conventos das Religiosas de S. Anna,

Anna, e Santa Clara de Coimbra. Entre as pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, de que recebo estimaçoens se distinguio El Rey D. Joaõ IV. o qual na primeira occasião, que veyo ao Convento do Carmo lhe fez a especial honra de entrar no seu aposento, e nelle beber agoa. Naõ foy inferior merce a esta a que recebo deste Principe, quando acompanhando a Procissão no 1 de Dezembro de 1641, que sahio da Cathedral até o Convento do Carmo, em acção de graças pela sua faustissima Aclamação, como chegasse a horas em que naõ podia recitar o Sermaõ, lhe mandou que logo o imprimisse, querendo suprir com os olhos, o que naõ pode perceber pelos ouvidos. Regeitou com modestia religiosa o governo do Bispado de Angra, e a Mitra da Cidade do Porto, em que fora nomeado por motu proprio de Innocencio X. no tempo que o Pontifice negava em obsequio de Castella Pastores para as Igrejas de Portugal. Dos copiosos legados, que lhe deixara sua Tia D. Anna de Ataide, mandou fazer oito grandes quadros, que occupaõ as paredes da Capella mór do Convento de Lisboa; o Coro dourado até a fimalha, e o candieiro de Prata, que serve nas Festas mayores de Chritto, e sua Mãy Santissima, com as banquetas do mesmo metal. Foy excessivamente caritativo despojando-se muitas vezes dos proprios vestidos, para cobrir os pobres. Cumulado de obras meritorias, e recebidos todos os Sacramentos, falleceo piamente a 13 de Novembro de 1653, quando contava 68 annos de idade e 53 de religioso. Dedicou-lhe sumptuosas Exequias, Fr. Sancho de Fâro, Prior do Convento de Lisboa, a que assistiraõ toda a Nobreza, e Communidades Religiosas. Foy sepultado no Cemiterio antigo, com o seguinte epitafio

Aqui jaz o M. R. P. M. Fr. Martinho Moniz, Provincial que foy duas vezes desta Provincia, e pelo Papa Urbano VIII. Visitador Apostolico dos Conegos Regrantas da Ordem de Santo Agostinho, Varaõ insigne em Religiaõ, e em pulpito. Falleceo a 13 de Novembro de 1653. Publicou

Sermaõ, que fez para o dia da Aclamação del Rey D. Joaõ. IV. Lisboa, por Lourenço de Anveres 1642. 4. O Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, Tom. III.

na licença que deu em 13 de Dezembro de 1641 para se imprimir diz: *Damos Licença que se imprima, para que se possa comunicar a todos conforme o desejo, que todos tinhaõ de o ouvir.*

Fazem delle honorifica menção Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter. lit. M. n. II. Franc. Bib. Hisp. M. S. Costa Corog. Portug. Tom. 3. p. 632. e Fr. Manoel de Sá Mem. Hist. dos Escriit. do Carm. da Prov. de Portug. cap. 83.*

Fr. MARTINHO DE OBIDOS, cujo apelido denota a patria, que lhe deu o berço situada no Patriarchado de Lisboa. Foy Monge Cirterciense, e Conventual no Real Mosteiro de Alcobaça. Teve grande inteligencia da sagrada Escritura escrevendo

In Proverbia, et Cantia Salomonis. fol. M. S. Conserva-se na Bibliotheca de Alcobaça.

MARTINHO PAES DE MELLO, natural de Lisboa, Fidalgo por geração por ser filho de Manoel Paes de Abreu da Casa de Regalados, e Dona Sebastiana de Mendoça de igual Nobreza á de seu Conforte. Foy Familiar do Santo Officio, Cidadão da Camara de Lisboa, e Genro de Jacome de Carvalho do Canto, Porteiro do Conselho Geral do S. Officio de quem se fez menção em seu lugar. Todo o seu estudo applicava na lição de livros asceticos, consumindo a mayor parte do tempo em exercicios espirituaes, como testemunhaõ as obras, que publicou. Falleceo piamente na patria a 14 de Junho de 1684, e jaz sepultado no Claustro do Convento de S. Vicente de Fóra. Compoz

Triunfos do Amor Divino. Lisboa, por Antonio Alvares. 1627. 8.

Amorosos pensamentos a JESUS. Lisboa por Matheos Pinheiro 1629.

Amores de JESUS, com piedosos discursos, e consideraçoens. Lisboa por Joaõ Galraõ 1674. 12. No fim declara o seu nome.

Historia Geral da Provincia de Santa Cruz com a descripção daquelle Estado, Clima, Ritos, Ceremonias, Constellaçoens, animaes, aves, peixes, plantas, ervas, arvores, guerras, e principio de suas povoaçõens descobrimento, e conquista. M. S.

Fr. MARTINHO PEREIRA, natural de Lisboa, onde teve por Pais a Jorge Fernandes, e Branca Gomes. Professou o sagrado instituto da illustre Ordem da SS. Trindade a 21 de 1595. Foy insigno Letrado assim em Theologia, como em ambas as Jurisprudencias, recebendo a borla doutoral em Canones na Universidade de Coimbra. Nunca quiz aceitar occupação alguma por se não apartar da continua lição dos livros. Falleceo no Convento patrio a 8 de Agosto de 1660. Compoz

Consultas Canonicas. fol. M. S. Estavaõ promptas para a Impressão, e se conservaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. MARTINHO PEREIRA, natural da Villa de Obidos do Patriarchado de Lisboa, onde em a Parochial Igreja de S. Pedro recebeu a primeira graça a 18 de Novembro de 1637, sendo filho de André Pereira, e Maria de Lemos. Na florente idade de 21 annos, quando era já muito perito na lingua Latina, e letras humanas professou o instituto militar da Ordem de Christo no Real Convento de Thomar a 3 de Novembro de 1658, onde aprendidas as Sciencias Escolasticas com disvelo as ensinou aos seus domesticos com aplauso. Ornado com as insignias doutoraes em a Universidade de Coimbra a illustrou com o seu magisterio na Cadeira pequena da Escritura, em que foy provido a 14 de Novembro de 1682, na de Durando a 24 de Abril de 1684 de Vespera a 22 de Outubro de 1695, e de Prima a 3 de Julho de 1708, em que jubillou no anno de 1716, sendo respeitado por hum dos mais profundos Theologos do seu tempo, ou fosse arguindo, defendendo, ou compondo. Observou com summa exactão as virtudes religiosas, sendo muito mortificado, e penitente. Foy D. Prior Geral da sua Ordem, e Vice-Reitor da Universidade. Falleceo em Coimbra a 14 de Janeiro de 1729, quando contava a provecta idade de 92 annos, e 71 de Religiaõ. Jaz sepultado no seu Collegio na primeira cova ao sahir da Sancristia. Compoz

Sermaõ do Mandato na Capella Real da Universidade de Coimbra em o anno de 1691. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1703. 4.

Sermaõ nas Exequias da Rainha D. Maria Sofia Izabel, que se celebraraõ em o Real Convento de Thomar da Ordem de Christo, em 19 de Agosto de 1699. Lisboa pelo dito Impressor. 1699. 4.

Sermaõ do Mandato na Capella Real da Universidade de Coimbra em o anno de 1702. Lisboa pelo dito Impressor 1702. 4.

Sermaõ de Quarta feira de Cinza na Sé de Coimbra. Lisboa, pelo dito Impressor. 1703. 4.

Commentaria in Primum librum Sententiarum. Tomus Primus, in quo magno labore, & vigiliis omnis doctrina Magistri elucidatur, & defenditur secundum verum illius sensum, & ab omni censura vindicatur omnibus pensiculate deductis ex quolibet capite Conclusionibus, quæ in ipsis continentur plene, ac plane disputatis, non trito vel plumbeo, sed novo admodum, aureoque stylo expositis ad usum, & doctrinam studiosorum in Academiis maxime perutilibus. Conimbricæ ex Typog. Regal. Colleg. Artium S.J. 1714. fol.

Tomus Secundus. ibi ex eadem Typog. 1715. fol.

MARTINHO PIRES. Sendo Deaõ da Cathedral de Braga, foy eleito a 8 de Novembro de 1185, pelo Cabido da Cathedral do Porto Bispo desta Igreja, onde creou novamente quatro Dignidades, quaes foraõ Deado, Chantrado, Mestre etcola, e Thesoureiro mór. Depois de governar sinco annos esta Mitra, foy eleito Arcebispo de Braga, que vagara por morte de D. Godinho, e sendo sagrado em Roma por Clemente III. de cuja maõ recebeu o pallio, voltou para Braga, onde se applicou com todo o disvelo a conservar na sua obediencia os Bispos suffraganeos. Pertendendo o Arcebispo de S. Tiago, que as Igrejas de Lisboa, Evora, Viseu, Lamego, e Coimbra não fossem suffraganeas de Braga, com o pretexto de pertencerem no tempo antigo a Merida, cujas preeminencias foraõ transferidas a Compostella, se opoz fortemente a taõ injusta pertençaõ, passando a Roma, onde se disputava esta controversia, cujo exemplo tambem seguiu o Bispo de Compostella, e allegados de huma, e outra parte os fundamentos decidio Innocencio III. que a Braga fossem suffraganeos Viseu,

Vileu, e Coimbra, e a Compostella Guarda, e Lamego. Restituido á sua Diocese, experimentaraõ as ovelhas animo benevollo, e coraçãõ generoso dispendendo tudo quanto lhe rendia a Igreja em socorro dos necessitados, e alivio das calamidades, que se padeciaõ em o Reino. Querendo destruir os abusos que insensivelmente se tinhaõ introduzido no seu Arcebispado consultou ao Papa Innocencio III. e atendendo á authoridade do Consultor lhe respondeo com as Decisoens, que estaõ nos Capitulos *Consilium, & Consilium nostrum de celebrat. Missa. De observat. Jejunii.* como refere Fr. Abrahaõ Bzovio *Annal. Eccles.* Tom. 13. ad ann. *Christi* 1206. n. 6. Falleceo em o anno de 1209, deixando saudosa memoria das suas virtudes pastoraes.

Escreveo

Constituiçoens do Arcebispado de Braga. Por ellas se governou muitos annos o Arcebispado, como affirma o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na *Hist. Eccl. de Braga.* Part. 2. cap. 19. §. 4. na vida deste Prelado, do qual faz tambem memoria no *Cathal. dos Bisp. do Porto.* Part. 2. cap. 7. e Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. M. n. 9.

MARTINHO SOARES DA CUNHA. Doutor em Theologia, assistente em Roma, onde conciliou geraes estimaçoens por seu grande talento, e vasta litteratura, principalmente pela energia, e elegancia com que prégava. Publicou

Sermon en las honras de la Señora D. Serafina en San Antonio de Roma. Napoles por Juan Bautista Subtil 1604. 4. Traduzido em lingua Castelhana da Portugueza em que foy prégado. Foy esta Senhora filha dos Serenissimos Duques de Bragança D. João I. e D. Catherina. Casou com Dom João Fernandes Pacheco V. Duque de Escalona, e falleceo em Roma a 6 de Janeiro de 1604.

Oratio habita in die S. Joannis Evangelistae. Dicata Emminentissimo Cardinali Aldobrandino.

MARTINHO DE VIANA; cujo apellido denota a patria onde naceo, Mestre em Artes, Doutor em Theologia, e Capellaõ do Cardeal D. Jorge da Costa

Portuguez, Camerlengo do Sagrado Collegio. Foy muito erudito, e consumado na Arte Oratoria pela qual alcançou geral applauso. Compoz

Oratio habita die Cinerum anni 1496, coram Alexandro VI. Pontifice Maximo. Francisco Galvaõ Maldonado affirma na *Bibliot. Portuguez.* M. S. que a lera impressa, e João Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. a louva, e que fora ouvida com universal aclamação. Começa

Ad rationem vitae inspiciendae. &c.

Acaba

Verum Pascha nostrum digne suscipere mereamur.

Fr. MASSEO DE ELVAS, cujo apellido tomou da patria onde nacera, sendo chamado no seculos Martim da Sylva Telles. Foy filho de Manoel Telles de Menezes, e D. Francisca de la Peña filha de D. Alvaro de la Peña Fidalgo Castelhana. Com heroica resolução deixon o seculo professando o austero instituto da Provincia da Piedade, onde para se naõ lembrar da illustre familia de que procedia até mudou o nome com o habito. Nesta penitente palestra, onde foy eleito Provincial em Villa-Viçola no anno de 1569, se exercitou em rigorosas penitencias, das quaes se naõ dispentava obrigado de varias molestias, e grãde numero de annos. Para conduzir as almas ao caminho da vida eterna assistia continuamente no Confissionario, onde com a natural ternura de que era dotado movia coraçõens obstinados. Falleceo na Villa de Thomar no anno de 1574. Traduzio de Castelhana em Portuguez

Manual de penitentes, e Confessores que tinha addicionado Fr. Antonio de Azurara, do qual se fez mēçaõ em seu lugar, cuja obra sahio muito illustrada pelo insigne Doutor Martim Aplicueta Navarro, e sahio impressa em Coimbra, por João Barreira, e João Alvares 1555. 4. A traduçaõ de Fr. Maseo se publicou com o seguinte titulo

Compendio, e Summario de Confessores; tirado de toda a substancia do Moral copilado, e abbreviado por hum Frade da Provincia da Piedade acrescentado em lugares convenientes com as cousas comuas que se ordenaraõ no Concilio Tridentino. Coimbra por Antonio de Mariz 1567. & ibi pelo mesmo

Im.

Impressor 1571. Salamanca por Alexandre de Canova 1572. 8. e Lisboa por Antonio Barreira 1579. 8. Sahio sem o nome do Author. A este compendio traduzio em Castelhana Fr. Antonio Bernart Erimita Augustiniano, e sahio Sevilha por Andres Piscioni, y Juan de Leon. 1585. 8.

Fazem memoria de Fr. Mafleo de Elvas, Fr. Manoel de Monforte *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 3. cap. 52. e Fr. Joan. à D. Anton. *Bib. Franc.* Tom. 3. p. 9. c. 2.

D. MATHEOS, vigesimo primeiro Bispo de Lisboa, a cuja dignidade foy assumpto de Mestre Escola do Cabido da mesma Cidade em o anno de 1259. Foy ornado de taõ profunda literatura, que nunca o nomeavaõ sem o honorifico titulo de Mestre, da qual deu manifestos argumentos em varios Synodos, que celebrou em beneficio das suas ovelhas, reformação de abutos, e observancia dos sagrados Canones, sendo o 1. no anno de 1264: o 2. em 1268: e o 3. em o 1 de Dezembro de 1271, em que publicou Constituiçoens cheyas de zello pastoral, e de sciencia Canonica. Querendo pacificar as discordias, que com escandalo da piedade se tinhaõ agitado entre os Bispos de Portugal, e El Rey D. Affonso III. que lhe era muito affecto, partio a Roma no anno de 1272, e no espaço de sete annos que assistio na Curia não pode concluir o desejado effeito da sua jornada, até que succedendo a morte de Affonso III. em 1278, cessou toda a controversia, de que era author o animo menos religioso deste Principe. Voltando o Bispo D. Matheos, para o Reino no anno de 1280 continuou em dous annos que contou de vida no exercicio das obrigaçoens pastoraes, casando Orfãos, resgatando cativos, e ornando de preciosos paramentos as Igrejas por cuja causa mereceo as compassivas autonomazias de *Pay dos Pobres*, e *Redemptor de Cativos*. Cumulado de taõ heroicas virtudes partio a receber o premio na eternidade a 19 de Setembro de 1282. Foy sepultado na Capella de S. Nicolao que edificara na Claustro da Sé estando em Roma, a qual acabou no ultimo anno da sua vida afinando annualmente sincoenta livras para o Capellaõ, e vinte para o Cabido celebrar a festa daquelle grande Prelado, e insigne Thau-

maturgo. Faz larga memoria do Bispo D. Matheos o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha seu suceffor na Cadeira de Lisboa na *Hist. Eccl. de Lisb.* Part. 2. cap. 50. e seg. Compoz

Constituiçoens do Bispado de Lisboa publicadas no Synodo celebrado em o 1 de Dezembro de 1271. Dellas allega algumas clausulas D. Rodrigo da Cunha *Hist. Eccl. de Lisb.* Part. 2. cap. 51. n. 3. e 4.

Historia dos Martyres de Marrocos. M.S. Desta obra o faz Author o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 163. no Coment. de 13 de Março letr. D. col. 2.

P. MATHEOS CARDOSO, natural de Lisboa, e filho de Pedro Gonçalves Castanho, e Brites Cardoso. Abraçou o instituto da Companhia de Jesus, em o Noviciado de Coimbra a 8 de Novembro de 1598, quando contava 14 annos de idade. Foy excellente Mestre de letras humanas, em a Universidade de Evora, donde com faculdade dos Superiores passou ao Reino de Congo para lucrar almas a Christo aprendendo para este fim a lingua daquelle Paiz, na qual traduzio

Doutrina Christiana compuesta pelo Padre Marcos Jorge da Companhia de Jesus Doctór Theologo: acrescentada pelo P. Ignatio Martins de la mesma Companhia tambien Doctór Theologo. Lisboa por Gerardo da Vinha. 1624. 8.

Da sua veyra poetica deixou elegantes produçoens merecendo entre todas a primazia o epitafio, composto ao divino Camoens, por ordem de Martim Gonçalves da Camara, Presidente do Paço, e Escrivaõ da Puridade del Rey D. Sebastiaõ, a qual principia

Naso elegis, Flacus Lyricis, Epigrammate Marcus, &c.

O qual se póde ler no lugar, onde largamente se fez memoria do insigne Camoens. Fazem honorifica memoria do Padre Matheos Cardoso, Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 22. §. 24. Joan. Soares de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. M. n. 19. Severim de Faria *Disc. de Var. Hist.* pag. 130. vers.